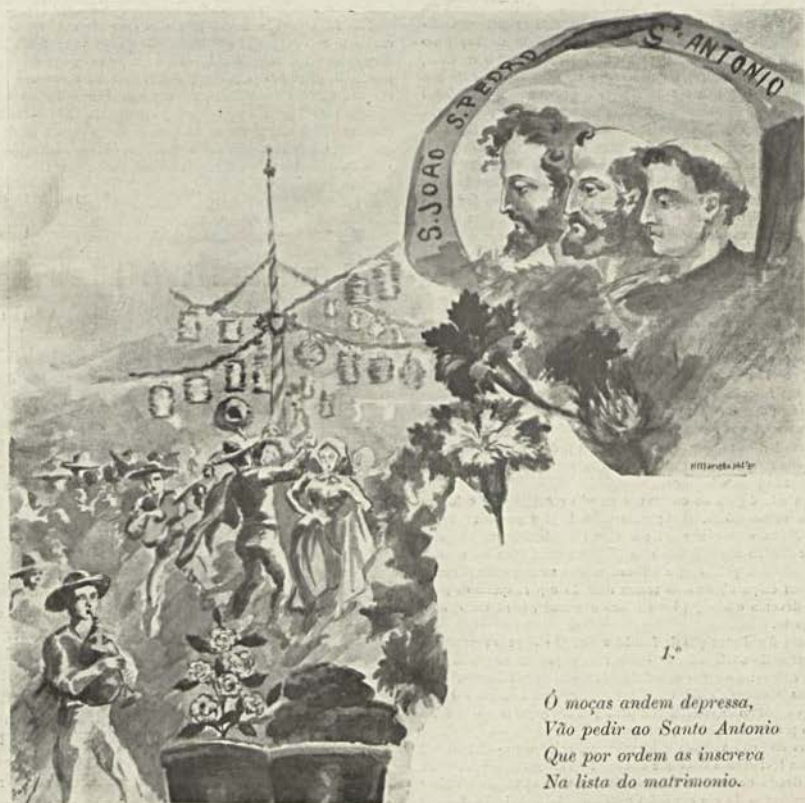


BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1900

N.º 35

OS SANTOS POPULARES



2.º

*São João tem um thesouro
Guardado no coração:
Guardado p'ra dar á moça
Que lhe mereça a afeição*

1.º

*Ó moças andem depressa,
Vão pedir ao Santo Antonio
Que por ordem as inscreva
Na lista do matrimonio.*

3.º

*As moças desventuradas
Quizeram ter um patromo.
Bradou logo, a Deus, S. Pedro:
«As moças não abandonô»*



Um ministerio que se sóme no pó do esquecimento, e outro que surge da rotação dos partidos, no meio da indifferença politica do paiz. Que a Historia perdõe aos que vão, e que a Providencia illumine os que veem!

Com o ministerio antigo sumir-se-ha naturalmente a Camara por elles eleita — é da praxe. Morrerá ingloria, sem ter ligado á posteridade nem uma medida de fomento agricola ou colonial capaz de transformar proficuaemente as condições vitaes de Portugal, mas em compensação deixa nos seus annos duas reformas malfadadas — uma constitucional e outra social. A primeira foi, dizem os mais entendidos, a mortalha do ministerio; a segunda, o vestido de baptismo de um novel deputado. Como para a morte deve haver o repouso, trataremos apenas da outra, a que inicia a vida parlamentar de um pensador, arrancado á pacatez da sua vida provinciana, pelo ideal firme, e, ao que se viu, inabalavel, de dotar a sociedade portugueza com a lei do divorcio. Nacquet indigena, o sr. deputado Sampaio e Mello não conseguiu no entanto para o seu projecto mais do que duas simples referencias de um dos seus oppositores, mas tanto bastou para que elle sahisse de lança em riste, campeão denodado de uma ideia, a defendel-a ornamentado com todas as galas da jurisprudencia moderna. Não perdeu o seu tempo e fez bem. Se, para defender a sua obra, tivesse de esperar pelo parecer da commissão á qual a havia submettido o regimento parlamentar, estava servido. Nunca mais ouvira falar d'ella, e assim teve a honra de pôr em embaraço o ministerio que elle proprio apoiava politicamente, dando que falar de si, quer nos annos de uma sessão, quer nas conversas das salas. Porque a questão do divorcio abalou profundamente os salões mundanos, — deve confessar-se.

Dividem-se em dois partidos perfeitamente antagonicos os que querem o divorcio e os que o não querem. E esses dois partidos subdividem-se em fracções, tantas quantos os variados pontos de vista pelos quaes se pôde aceitar ou recusar a introdução no codigo portuguez de uma lei que abrange uma das questões sociaes mais complexas dos modernos tempos. O divorcio tem prós e tem contras. Necessario é pois estudal-o em todas as suas minucias, para se conhecer bem de que lado pesa a balança.

Quanto a nós é para os contras, e se não receiassemos cair no ridiculo das medias doses, abraçaríamos desde já a proposta do sr. Sampaio e Mello, com cincoenta por cento de abatimento, isto é, o divorcio facultativo aos esposos sem descendencia. Para os outros, cujo lar se illumina pela alegre existencia d'esses pequeninos seres, que não tem culpa alguma de terem nascido e para quem os paes assumiram deveres e obrigações sociaes e moraes, para esses, não, que não é justo.

O divorcio é a destruição da familia e contra elle se levantam todos os deveres da sociedade. Dir-se-ha: mas quantas scenas degradantes elle não evita e quantos infelizes elle não salva! Excepcionalmente, talvez, mas em absoluto não, que as consequências mais desastrosas se apresentam especialmente para a mulher que os apologistas do divorcio pretextam querer proteger.

Ora, a das causas mais evidentes dos matrimonios infelizes é sem duvida a leviandade com que elles se organisam. Se amanhã essa leviandade tiver a certeza de ficar impune, quando ella não encontrar já para a realisação do seu capricho nem uma só das difficuldades que hoje muitas vezes a impossibilitam, quantas esposas em abandono não virão crescer o numero das desgraçadas! E pensar que estas encontrarão logo na sociedade protecção ou abrigo, é um engano. O marido divorciado vae retomar a sua vida de solteiro, alegre e descuidado, e se fór pouco escrupuloso procurará outra victima para a sua lascivia, até novo divorcio. A mulher encontrar-se-ha na posição difficil da sua situação equivoca, sem ser casada porque já não tem marido, sem ser solteira porque já o teve, sem ser viuva porque elle vive ainda, e se então tiver a velledade de procurar um ménage, será um d'esses faux ménages sem compromissos sociaes graves, que lhe abrirá os braços.

Havendo descendencia, o caso muda de figura. Pôde legislar-se para os paes, mas o codigo não será capaz de estabelecer com justiça uma jurisprudencia equitativa para os filhos, porque ha para esses sobretudo uma questão moral irreductivel. O divorcio pôde ser um allivio mas é tambem um castigo para a mulher, especialmente, quando não é ella, pela incorrecção do seu proceder ou pelo capricho do seu genio, que o provoca. Ainda assim ella sofre as consequências de um acto seu, voluntariamente realisaado — o casamento. Mas os filhos? Que culpa pôdem elles ter da leviandade, da incorrecção ou dos crimes dos paes? E' um martyrio — dizem os defensores do divorcio — permitir a continuação de ménages infelizes, mas mais injusto se me affigura, para terminar com esse martyrio — que ainda assim pôde ser suavizado pela consciencia da propria dignidade — ir lançar no coração dos filhos esse mal estar eterno, ao assistirem á mancha legalizada da mãe e do paé, n'uma confusão de direitos e de deveres, e n'uma evidente destruição d'esse affecto filial, mixto de respeito e de amor!

O divorcio não é uma regra, é uma excepção, e os codigos não se fizeram para as excepções nem para ellas se legislou nunca. Mas quando se pretenda fazel-o, então definam-se bem. Venha a lei do sr. Sampaio e Mello para os esposos que estiverem de accordo em acceptal-a, quando não tenham descendentes, porque n'este caso seria necessario o consentimento dos filhos, e os menores... não tem voto.

Não foi, contudo, esse o ponto de vista absoluto em que se collocaram nem o deputado que combatêu a ideia do sr. Sampaio e Mello, nem este que a defendeu. Apreciou-a o primeiro apenas como a destruição das leis da egreja catholica, defendeu-a o seu auctor com uma carga a fundo na incoherencia tantas vezes manifestada sobre o assumpto pela Egreja, e comprovada em citações historicas demasiado conhecidas. A discussão n'este terreno é perigosa e improfica porque não pôde nunca resolver o problema social, e antes não consegue mais do que acordar odios e rancores que melhor fóra deixar em silencio.

Brasil-Portugal.

D. Amalia Ferreira Lima de Sá Camello Lampreia



ILLUSTRE dama cujo retrato honra esta pagina é a esposa d'aquelle que n'uma grave conjunctura prestou a Portugal um inestimavel serviço, e que, como encarregado de negocios, representou sempre dignamente no Brasil o nosso paiz. Agora mesmo, ao regressar ao reino, elle recebeu da colonia portugueza e

de brasileiros illustres, n'um jantar de honra, calorosas manifestações de apreço pelo seu valor e de sympathia pelo seu caracter.

Publicando aqui o retrato de madame Camello Lampreia prestamos á distinctissima senhora que pôz o seu coração de portugueza ao serviço da caridade, conseguindo obter em todo o Brasil, de collectividades e particulares, a valiosa somma de cerca de trinta contos de réis, que poz á disposição de S. M. a Rainha para a Assistencia Nacional aos Tuberculosos. Este alto serviço perpetuará na memoria de muitos infelizes o nome de madame Camello Lampreia e ligal-o-ha para sempre á utilissima instituição fundada pela Augusta Senhora que fez da caridade o seu braço e que espalha com os thesouros do seu coração amantissimo a esperança e a alegria por aquellos para os quaes essas duas palavras eram apenas uma desillusão ou uma saudade.

O novo ministerio portuguez



PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS E MINISTRO DO REINO



MINISTRO DA JUSTIÇA



MINISTRO DA GUERRA



MINISTRO DOS ESTRANGEIROS

Presidente do Conselho e Ministro do Reino (*Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro*).
Chefe de situação pela segunda vez, ministro pela quinta vez, tendo gerido as pastas das Obras Publicas, Fazenda e Estrangeiros. Doutor em direito, antigo deputado, conselheiro de Estado, par do Reino, vice governador da Companhia de Credito Predial, e vogal do Supremo Tribunal Administrativo.

Ministro da Justiça (*Arthur Alberto de Campos Henriques*).
Ministro pela segunda vez, tendo gerido da primeira a pasta das Obras Publicas. Juiz de direito nas Caldas da Rainha e antigo governador civil no Porto.

Ministro da Guerra (*Luis Augusto Pimentel Pinto*).
Gere essa pasta pela segunda vez. Foi vogal da Junta do Credito Publico e deputado. E' par do reino e general de brigada.

Ministro dos Estrangeiros (*João Marcellino Arroyo*).
Ministro pela segunda vez, tendo gerido as pastas da Marinha e Instrução Publica. Doutor em direito, lente da Universidade e deputado.



MINISTRO DA FAZENDA

Ministro da Fazenda (*Anacleto Assis de Andrade*).

Ministro pela primeira vez. Publicista, jornalista e economista. O seu ultimo livro *A terra* teve grande exito e os seus artigos financeiros publicados n' esta Revista e reproduzidos em varios jornaes confirmaram-lhe os creditos de economista e homem de letras.

Vinol-o à entrada da sua carreira, quando sahia das côrtes no dia 26, depois da apresentação do ministerio à Camara dos Deputados. Renitente em deixar-se photographar, para que os nossos leitores não encontrassem uma lacuna imperdoavel, o *Brasil Portugal* teve de encarregar expressamente o seu collaborador photographico de fazer um instantaneo do ministro. E' o melhor que se pode arranjar.

Ministro da Marinha (*Antonio Teixeira de Sousa*).

Ministro pela primeira vez. Director do estabelecimento de aguas de Vidago, antigo cirurgião militar até 1895, deputado, inspector da Companhia dos Tabacos de Portugal na zona transmontana.



MINISTRO DA MARINHA



MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

Ministro das Obras Publicas (*José Maria Pereira dos Santos*).

Sobe pela primeira vez aos conselhos da corôa. Antigo deputado, capitão de engenheiros, lente da Escola do Exercito e do Instituto Industrial.



GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA

Governador Civil de Lisboa (*José de Azevedo Castello Branco*).

Antigo cirurgião militar, de cujo cargo se exonerou, exímio jornalista, é deputado e Director Geral de Instrução Publica, logar que tem exercido por uma fôrma distinctissima e com uma proficiencia incontestavel. Estava ha muito indigitado para ministro. A aceitação do cargo de Governador Civil representa um serviço importante feito ao chefe do partido, que o conta entre os seus parlamentares mais illustados e mais brilhantes.

CASTILHO

UM chronista parisiense, que teve o trabalho de ler escriptos meus, o que muito lhe agradeço, mas que nem sempre mostra grande sympathia pelo que lhe chega da provincia, admirava-se ha tempo de que eu tivesse escolhido o Congresso das Sociedades sabias, por occasião da sua ultima reunião em Toulouse, para ahí ler uma memoria sobre João Baptista de Almeida Garrett. Que dirá elle ao saber que perante a Sociedade Litteraria e Scientifica de Alais (Gard), uma das poucas academias provinciaes condecoradas com o titulo de «estabelecimento reconhecido de utilidade publica» acabo de celebrar ácerca do centenário de Castilho, que se cumpriu em 26 de Janeiro de 1900, uma conferencia da qual me fizeram a honra de se occupar os jornaes de Lisboa, de Coimbra, do Porto, etc.?

Desculpo de ante-mão aquelle excellente confrade, porque, se certamente conhece as grandes figuras de Portugal, como Vasco da Gama e Luiz de Camões, parece contudo pertencer ao grupo de uns certos a quem se dirige Virgilio Rossel, como verdadeiro *latino* da Suissa, quando diz: «paizes pequenos, pequenos meios, pequenas glorias.»

E contudo esse pequeno Portugal, outr'ora tão grande pelos seus navegadores, tão rico pelas suas colonias, não se acha tão decahido como querem dizer os detractores da *ideia latina*.

Aos nossos grandes romanticos, Victor Hugo, Alfredo de Vigny, e Alfonso de Lamartine, pode contrapor outros poetas, dignos e gloriosos émulos d'aquelles: o Visconde de Almeida Garrett, Alexandre Herculano, o Visconde de Castilho.

Em França conhece-se vagamente Garrett pela traducção do seu *Camões* por Henrique Faure. Todos se lembram de que em 4 de Fevereiro de 1809, Paris celebrou dignamente o centenário do immortal autor de *Dona Branca*. Herculano, historiador-poeta, é menos conhecido. Castilho é ignorado, ou antes inexactamente avaliado; algumas noticias mais ou menos exactas nos grandes dictionarios, alguns breves artigos nas Revistas, e, quanto a mim, nada mais.

Não desejo (nem para isso tenho tempo) condensar aqui a minha conferencia do 1.º de Fevereiro, na qual aliás só tratei do homem. Nas conferencias subsequentes, que a influencia me obrigou a adiar, proponho-me estudar as obras d'esse escriptor, e dar a conhecer as relações do illustre cego com os grandes litteratos de França.

No meu opusculo sobre *Garrett*, que, segundo espero, terá visto a luz á hora em que estas linhas apparecerem, disse em resumidas palavras o que penso de Castilho; como pude, ahí resumí a sua vida; permitto-me remetter a esse escripto o meu leitor.

Não emtanto, desejo dar um summario da influencia exercida por este poeta, que já aos oito annos era cego; e começo por ter o gosto de citar umas phrases de Henrique Faure:

«Como Garrett e Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, nascido em 1800, foi um dos chefes do Romantismo em Portugal, com quanto as suas primeiras produções poeticas, *Cartas d'Echo e Narciso*, a *Primavera*, etc., fossem consagradas a cantar, não a idade-média, mas a antiguidade grega, e a natureza.»

Analogia apreciação acho n'uma memoria que o Dr. Xavier da Cunha escreveu sobre *A obra de Florian em Portugal*, dirigida pelo auctor á Sociedade de Alais, a que pertence, para ser lida no proximo Congresso das Sociedades sabias.

Egualmente me conformo com todos os criticos que soberam pôr em relevo os predicados da poesia de Castilho. Se as suas obras se fazem notar pelo impecavel da *forma*, nunca excedida pelos parmasianos ulteriores, ainda são mais formosas pelo *fundo*. Nunca elle se deixou arrastar até a pueril superstição da *forma*, como os partidarios da theoria

da *arte pela arte*. Nunca pensou que a perfeição da *forma* podia dispensar a *ideia*; ia n'isso de accordo com Victor Hugo:

La forme, o grand sculpteur, c'est tout et ce n'est rien;
C'est tout avec l'esprit, ce n'est rien, sans l'idée.

Já alguém disse ter sido Castilho o Boileau de Portugal; e quem o dizia julgava fazer muita honra ao poeta lusitano. Mas quem se der ao trabalho de comparar o *Tratado da versificação* do primeiro com a classica *Arte poetica* do segundo, verá quanto a esthetica do auctor portuguez é mais larga e mais elevada que a do dogmatico auctor do *Lutrin*.

Para avaliar a que ponto Castilho possuia todos os segredos da sua lingua, e todos os recursos da metrica portugueza, é indispensavel manusear não só as suas obras originaes, mas tambem as suas numerosas traducções, algumas d'ellas verdadeiras obras-primas.

Castilho não foi apenas um devaneador; foi homem e cidadão, como prova o seu ardente liberalismo durante a dominação miguelista; o seu famoso *Methodo de leitura*, de que elle achou os rudimentos na cartilha do nosso compatriota Lemare; os seus magnificos poemas sobre os beneficos da instrucção publica; a sua dedicação á diffusão do ensino primario; a sua epistola em verso em favor de um velho injustamente condemnado. N'uma palavra: todas as ideias generosas acharam constantemente em Castilho um defensor ardente, convicto, e desinteressado.

Foi tambem homem de coração, e em muitas occasões deu provas de sincera bondade. Esta não deve medir-se pela antipathia que professava ás novas escolas litterarias, que elle talvez não comprehendesse porque essas tambem o não comprehenderam a elle.

Trabalhador incançavel, veio a morte encontral-o ainda com a penna na mão (1875). Castilho morreu como um christão; e assim viveu.

Este grande homem foi tambem um modesto; foi preciso constrangel-o, por altas influencias, para aceitar o titulo de Visconde, que lhe foi concedido cinco annos antes de fallecer.

Toda a vida manteve amigaveis relações com os nossos grandes romanticos, especialmente com Victor Hugo, a quem dedicava verdadeiro culto.

Todos conhecem aquelles versos das *Contemplações* onde o grande Francez dizia ao grande Portuguez:

Chante, Milton chantait; chante, Homère a chanté.
Le poète des sens perce la triste brume;
L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté;
Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.

Tambem é sabida a carta, que entre outras o exilado de Jersey escrevia para Lisboa ao seu amigo:

Hauteville House, 6 mars 1850.
Poète — Je vous remercie. Je suis tout ce que vous êtes; et les grands aveugles comme vous, s'ils n'ont pas de regard, ont un rayonnement.

Je serre avec effusion votre noble main.

VICTOR HUGO.

Ha um pormenor geralmente ignorado: n'um dos ultimos annos do segundo Imperio veio Castilho a Paris, onde foi apresentado a todas as nossas illustrações litterarias por Alexandre Dumas, seu amigo.

Antes de pôr o ponto final, e dirigindo-me ao critico alludido no começo d'este artigo, direi: a França, tão sympathica aos grandes homens de todas as nações, para quem é segunda patria, a França podia por ventura deixar passar sem menção o centenário do nascimento de um homem que tanto amou a nossa lingua, a nossa litteratura, e os nossos escriptores?

Alais (Gard).

LUIZ DE SARRAN D'ALLARD.

UM ECLIPSE TOTAL DO SOL

EM OVAR

As observações dos astrónomos estrangeiros



Esta pagina completa os diferentes clichés expressamente feitos para o *Brasil-Portugal*, por ocasião do eclipse total do sol, phenomeno scientifico que preoccupou as atenções de todo o mundo. Agora reproduzimos as installações das missões estrangeiras que estiveram observando em Ovar e os trabalhos de algumas d'ellas, como a contagem de segundos, o calculo das temperaturas, etc.

Faltam ainda os resultados scientificos das varias observações feitas pelos astrónomos, mas essas tem de ser muito demoradas. A ellas terá o *Brasil-Portugal* ensejo de se referir, quando publicar o artigo prometido pelo illustre mathematico o sr. Marianno de Carvalho.



O sol



Os astrónomos trabalhando



Soldados de Engenharia auxiliando os astrónomos

NOTAS DA QUINZENA



No discurso que o Sr. Veiga Beirão pronunciou na Camara dos Deputados, explicando as razões porque cahiu o ministerio progressista, houve uma phrase, para fechar, como quem diz — um final d'acto, que se não foi de molde a deixar-nos socegados pelo que toca ao desafogo das nossas coisas publicas, presta-se, todavia, a algumas considerações, que podem ter, se assim o quizermos, um lado muito patusco.

Entre muitas coisas que disse o Sr. Beirão, a mais audaciosa foi a afirmativa, que fez, de que o Governo morto soubera manter, em vida, uma alteanira attitude nas suas relações, sempre cordeas, com os Governos de todos os paizes — incluindo a propria Inglaterra. Ora, toda a gente sabe que, no que respeita ás cordealissimas relações de Portugal com a Inglaterra, o que se passou em vida do ultimo Governo foi precisamente o contrario do que affirmou o ex-ministro dos Negocios Estrangeiros. Mas, acontecendo que, em questões diplomaticas, tudo quanto envolve para nós alguma desconsideração, offerece-nos sempre materia para vastas considerações, sendo essa, até, a unica materia... explosiva que costuma responder ás nações mais fortes, tudo quanto havia a dizer está dito, e nem é este o momento de reavivar coisas tristes.

A grande phrase do ministro, defendendo a obra do gabinete de que fez parte, foi esta: «O Governo fez o que pôde!» — o que subentende o ditado: «Quem faz o que pôde, a mais não é obrigado.»

O que nos tem deitado a perder com todos os governos, com todos os ministros, e com tudo o mais, tem sido este ditado. Se não, vejamos.

Um grande negociante da praça, que se fartou de ganhar dinheiro, mas que gastou mais do que ganhava, resolve reunir créditos, offerencelhes, amigavelmente, 5% dos seus creditos, e apenas guarda para si o seu palacio, a sua carruagem e os seus criados. A isto se chama, em jurisprudencia commercial, uma concordata. E toda a gente diz d'elle:

— «Coitado! Fez o que pôde.»

Um auctor dramatico escreve uma peça, de que todos os jornaes dizem maravilhas, e que se aguenta, com espedaques, até á decima-quinta. Toda a gente diz que a peça é uma tremenda estopada, o publico perde a paciencia, e o emprozario perde todos contos. Mas o auctor recebe 300000 réis de direitos, toda a gente o felicita, e ninguém se atreve a pateal o, dizendo:

— «Coitado! Fez o que pôde.»

Um sujeito de idade, mas de muita idade, desposa uma galante menina de dezoito annos, e d'este casal irrompe uma robusta creança, que é, sem tirar nem pôr, a cara do pae, mas com a simples differença de que o pae — é outro. E toda a gente diz, falando do marido:

— «Coitado! Fez o que pôde.»

Passando agora aos dominios da politica, o que se viu com o ultimo governo, o que já se viu com os outros, o que teremos para ver com este, é exactamente o mesmo que se passa com o negociante falido, com o auctor falido, com o marido... falido. E um bello dia, quando esse governo já não encontra no velho repertorio de culpa para alguma nova facanha, alguma nova violencia ou alguma nova tolice, escolhe á sorte aquelle dos seus sete membros que ha de ir á Camara declarar o contrario de toda a verdade sabida, e nessa Camara ha sempre uma maioria que apoia, até á ultima, as palavras do ministro, um paiz que tolera essa maioria, e uma opinião publica que se conforma com as declarações d'esse Governo, dizendo:

— «Coitado! Fez o que pôde...»

A estatistica alegre da quinzena teve a registar, com a queda do gabinete progressista, 934 despachos de nomeação a favor de outros tantos novos servidores do Estado. Só pela pasta dos Negocios da Justiça e Ecclesiasticos, houve a assignallar o seguinte: o ministro demissionario foi-se ao recenseamento politico do paiz e nomeou tudo conego. E como acontecesse haver nesse recenseamento algumas omissoes, os interessados reclamaram, e os que já não poderam ser conegos, foram nomeados — notarios.

Isto já não é uma nação; é um cabido!

Alludindo a este ultimo esforço do governo, que assim quiz garantir, por mais alguns annos, a influencia do seu partido; e alludindo tambem á situação muito gasta em que esse partido fica, dizia algum commentando o chorrillo de despachos:

— «E' o Testamento da Velha!»

Gungunhana, de Godide e de Zixaxa, os tres desterrados do castello de Angra, baptizados e vestidos como ordena a littera christã, com nomes do calendario e com chapéo de côco.

Cada um dos retratos dos ministros novos era acompanhado por algumas notas biographicas, que punham em relevo os meritos especiaes de cada um. Por baixo de cada um dos retratos dos nossos allegres prisioneiros de guerra o *Século* reproduzia a assignatura de cada um d'elles, não sabemos se devidamente reconhecida pelo tabellião Cosmelli.

Da biographia dos novos secretarios de Estado vê-se que todos elles trazem consigo quantos predicados pôde uma nação, que deseja ser bem governada, exigir dos homens politicos que se offerencem para governal-a. Da calligraphia de Gungunhana, de Godide e de Zixaxa, vê-se que todos elles se exforçaram por aprender depressa, e se bem o quizeram, melhor o conseguiram. É uma calligraphia larga, direita e vigorosa, com seus grossos e finos muito apurados e justos, tal como o ensinaram Godinho e Carlos Silva ás tres ultimas gerações de amanuenses que tem passado pelos diversos serviços dos diversos ministerios, tal como a teve Theodor, quando lançava ao papel tojal do Estado estas phrases faceis:

Tenho a honra de passar ás mãos de Vossa Excellencia... Tenho a honra de communicar á Vossa Excellencia... Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

Permitta Deus que a obra dos novos ministros seja tão larga e direita como a littera de Gungunhana, de seu filho Godide, e do Zixaxa que foi a sua alma damnada. E se algum voto mais fizessemos, na ambição sempre louvavel de vêr engrandecida a patria, esse seria para que a obra dos novos ministros se tornasse, se possível fosse, mais larga ainda — e a littera dos tres pretos um pouco mais miuda...

As difficuldades que pesam sobre o governo do sr. Hintze Ribeiro no momento em que entra nos negocios da publica administração não se me affigiram, todavia, tão grandes como aquelles que eu n'este momento me vejo, para sahir do embarço que traz a falta de motivos risonhos, a quem deve fazer a chronica faceta d'uma quinzena como esta. Se ainda fosse possível fazer uma chronica com a mesma facilidade que tem os governos de fazer o seu programma, que afinal é sempre o mesmo — acontecendo apenas que o cumprimento d'elle é que costuma ser outro — bem estaríamos nós, bem estaria eu. Mas não ha meio de fazer uma chronica sómente com promessas. E quando ella tem de ser, tal como o governo já declarou que seria, conservadora-liberal — conservadora no que toca ao prestigio das instituições... que vigorem, e á manutenção da ordem... do dia; liberal no que se refere ao exercicio dos direitos e das garantias que assistem a todo leitor que se habituou a uma chronica alegre, e a quem o christa não pôde obrigar a lêr um triste artigo de fundo, com um sorriso á flor dos labios — a unica sabida airosa que lhe resta, como aconteceu ao governo que se foi, e como ha de vir a acontecer ainda ao governo que agora está, é apresentar, lealmente a sua demissão.

Com a promessa de que adoptará todas as providencias quanto á administração e á fazenda publica, promovendo melhoramentos e impulsos salutarees á economia do paiz, conservando e desenvolvendo os dominios coloniaes, aproveitando e valorizando todos os recursos, protegendo a Agricultura, fortalecendo a Industria, facilitando o Commercio, procurando uma justa solução para as circumstancias em que se encontram os nossos vinhos, realisando tratados, executando todos os compromissos tomados para com os credores, prohibindo o jogo, reduzindo as despesas, applicando bem as receitas — com a promessa de todo o programma substancial de governo, em somma, pôde o gabinete entreter o seu publico durante alguns annos, e sempre n'uma boa expectativa até o momento supremo da grande desillusão.

Mas só com a promessa de que para á quinzena que vem lhe dará uma chronica cheia de boas coisas, de bons assumptos e melhores piadas, e que não ha meio de entreter o leitor que só quer a chronica — da quinzena que passou.

Pois se nesta quinzena, que hoje finda, até os proprios pagodes chineses nos mostraram um tão triste aspectto!

ALFREDO DE MESQUITA.



Depois dos retratos, que o *Século* publicou, tres dos novos ministros, que pela primeira vez o são, a saber: Anselmo de Andrade, ministro da Fazenda; Pereira dos Santos, ministro das Obras Publicas, e Teixeira de Sousa, ministro da Marinha — o que mais patuscamente despertou a curiosidade da população alfacinha foram os retratos de

4.º Centenario do Brasil

Passado marítimo oferecido pelo Club Naval á officialidade do cruzador D. Carlos

Ainda aos distinctos officiaes de marinha que compunham a guarnição do cruzador *D. Carlos* na sua recente viagem ao rio de Janeiro foi offerta uma deliciosa festa no Club Naval, constituída por um bello passeio marítimo á ilha de Paqueta, essa formosissima ilha que é um verdadeiro encanto. Os convidados embarcaram no arsenal de marinha, como o diz primeiro clichê, a bordo da barca *Segura*, onde uma das bandas de musica do corpo de infantaria de marinha os recebeu ao som do hymno brasileiro e portuguez. No alto da ilha das Cobras estava postada outra banda.

Ao passar a barca perto dos navios de guerra ancorados na bahia, foi saudada com as salvas do estylo, em attenção aos officiaes illustres que iam a seu bordo. Na tolda do *D. Carlos* formou a marinhagem. A barca seguiu depois a sua rota pela Armação, Canal de Mocanguê, Pontas da Arêa, de Maria Angé, Sant'Anna de Maruhy, Barreto, das Neves, Madama e Feiteiros, até á ilha de Paqueta.

Quando se avistou esta ilha, estavam os convidados á mesa, iniciando n'esse mo-



Embarque na barca *Segura* no Arsenal de Marinha

mento as saudações o sr. almirante brasileiro Marques Guimarães que brindou á marinha portugueza, pedindo licença ao sr. capitão de mar e guerra Lopes Andrade para ceder esse brinde, ao sr. general Francisco Maria da Cunha que ali representava mais que a marinha portugueza — Portugal inteiro. Agradeceu o plenipotenciario portuguez, seguindo se outros brindes.

A segunda das nossas gravuras representa o desembarque, a terceira os convidados na ilha e a ultima o reembarque para o Rio de Janeiro, viagem alegre, entusiastica, durante a qual se dançou animadamente, tomando parte na quadrilha de honra o sr. general Cunha e *Madame Camello Lampreia vis-à-vis* de seu marido que dançou com a filha do sr. Cunha.



Desembarque na ilha de Paqueta

ronel da guarda nacional, do Brasil, o sr. Ernesto Senna encetou a sua carreira jornalística como *reporter* da *Gazeta da Tarde* e depois da *Folha Nova*, fundou o *Diario de Noticias*, cuja redacção deixou em 1896 pelo *Jornal do Commercio* em cujas columnas tem sido sempre de uma gentileza inexcusable para com todos os portuguezes. Essa mesma gentileza foi devidamente reconhecida no relatório official apresentado pelo sr. conselheiro Ferreira do Amaral, sobre a viagem do *Adamastor* ao Brasil, e ella é hoje sobejo motivo para esta homenagem prestada pela *Revista Brasil-Portugal*, que tanto deve a brasileiros e a portuguezes.

ERNESTO SENNA

É redactor do *Jornal do Commercio*, jornalista distincto e autor de varios livros. Destaca-se pela affeição aos portuguezes, da qual deu prova ainda recentemente na serie de amabilidades que prodigalisou aos officiaes do nosso cruzador *D. Carlos*. Co-



Na ilha de Paqueta

4.º Centenario do Brasil



O embarque na barca *Seguro*



Ernasto Senna
Redactor do *Jornal do Commercio*, do Rio

Concurso de pintura no Rio de Janeiro, aberto pela associação do 4.º Centenario



Cliché da *Photo Americana*, Rio.

O quadro premiado *Complexos contos de reis*



Aurelio de Figueiredo no seu atelier pintando o quadro



Aurelio de Figueiredo
auctor do quadro premiado

No tempo dos francezes

(Continuação de n.º 31)



JUNOT, depois de embonecado devidamente pelo seu creado particular, Jean Baptiste Prilleux, entrou nas salas. Acompanhavam-n'o o seu secretario particular Benoit Fisson, o seu ajudante e mordomo mór Cambis, o futuro ministro da guerra L. Huite, que, diziam as málinguas, fora ferrador e viera para Portugal como aventureiro atraz dos parques de artilheria, e o gigante Fro-t, coronel de artilheria, que se embebedava diariamente e cujas botas vermelhas e amarellas foram o susto de todas as lisbonenses. Havia a bulha confusa de um viveiro de paga-

pagaio. No ar tepido fluctuava a quinta-essencia dos peccados captaes... e captosos. A condessa da Ega e Madame Foy, observando á risca o protocolo da Moda, exhibiam vestidos com a semi-transparencia d'aquelle *ar tecido*, de que falla Petronio, quasi expunham aos olhos soffregos a elegancia viva das formas callipygias. A condessa polarisava as attentões femininas como a tormalina polarisa a luz. Nesta cõrte de chrysochalco, ella — a mais aristocratica locataria do coração de Junot — figurava como rainha improvisada. A condessa da Ega era filha da inspirada poetisa, a marquiza de Alorna. Bonita, espirituosa, notavelmente instruida, fallando e escrevendo bem cinco linguas, possuia todos os requisitos para brilhar na sociedade. A sua brancura de porcelana de Sèvres, os seus lindos olhos onde ria o azul primaveral, a flexibilidade felina da sua elegancia, o seu corpo gentil que encerrava um espirito illustrado, como as essencias mais subteis se encerram em artisticos frascos cinzelados, tudo contribuia para a tornar seductora. Figura rosea e loira, dil-a-hiam fugida de um quadro preraphaelita de Gainsborough para vir fazer as honras das festas n'esta irrisoria cõrte do duque de Abrantes, que teve a velleidade de querer sentar-se no throno portuguez como Murat se sentou no de Napoles.

Rompia o baile. A orchestra tocava valsas, contradanças francezas e contradanças inglezas. Pequenos pés escondidos em aspatinhos brancos tremiam como as azas do Amor; os pares dansantes rodopiavam com a graça lista das discipulas infantis de Madame Collins, mostra na rua da Horta Secca. Enfatuados officiaes, *la moustache en conquête*, os spencers cobertos de bordaduras e do brandeburgos, abraçavam langorosas damas embeinhadas no peplum de longas pregas, e valsavam, reflectindo-se nas faces pensativas dos espelhos d'esse palacio, onde um adulterio aristocratico risonhamente atava e desatava suas intrigas alegres como uma aventura de baile do mascarar. Toda uma phantasmagoria de rendas, cambrinas, fitas, setins e plumas tremulas, se agitava ao compasso das quadrihas. Algumas senhoras, em *toilettes* claras, pareciam gentis banhistas, que, sorprendidas por uma maré de *cotillon*, se debatiam na espuma e nas volutas perfumadas.

Outras damas, impermeaveis ás tentações da dança, sentadas nas cadeiras e canapés das quatro esplendidas salas, travavam conversas emollientes, cochichavam por detraz dos leques lillipu-

tianos, vellavam a voz para a maledicencia, isto é, punham crêpes nos seus tambores, discutiam problemas de casuistica amorosa e de diplomacia galante, faziam valer as elegancias altaneiras do ouro ou do ebano frisado dos seus cabellos e os encantos dos seus perlas numismaticos, merecedores de serem traduzidos na tela pelos pinceis mimosos de Pellegrini ou de Madame Trové, pintora-miniaurista na rua Larga de S. Roque. Entretanto, circulavam os creados trajando a librê da casa Quintella: calção de tripe encarnado, meias brancas, e farda azul agalada de largo galão de prata com as armas em lavor, e botões de metal branco. Mas, ás duas horas da manhã, a maioria das bellas *salonnieres* eclipsava-se como a heroína do *Dominó Preto*, de Auber.

Todos sabem que Junot enviscava facilmente o sexo fragil, fazendo-lhe executar as maximas habilidades gymnasticas de sentimento, o que Sarcey denominou — o duplo trapezio dos corações. Os amorios com a pouco gravisa condessa da Ega evidenciaram-se mais que os outros. Ligada a um marido velho e divergente, ella obedeceu á logica da sua sensibilidade e atirou a corõa de condessa por cima das azas desvairadas da sua phantasia. Entrinchou-se no seu amor como n'um propugnaculo, em que sustentou os assaltos reiterados da detracção patriótica. Esses amores, deslizando jovias e cantantes na quinta do Ramalhão, em Cintra, foram desejados em folhetos. O da *Protecção á Franceza* dizia:

*Com capa de economia
Pôr tudo em consternação,
E a Quinta do Ramalhão
Servindo do que eu cá sei,
Sem honra, sem fé, sem lei,
Isto, ó gente Portuguesa,
É protecção á Franceza.*

A musa popular não lhe ficava atraz:

*Olha o condessa da Ega
Que anda a cavallo n'um cão
Pedindo ao ladrão Junot
Que lhe dê a sua mão. (1)*

*Dizem que se transformaram
Conde da Ega e mulher,
Elle em burro cacilheiro,
Ella em besta de alague.*

A *Gazeta do Rio*, folha clandestina, mofava do duque de Abrantes e das suas *parties fines* com "senhoritas de boa laia, na Porcalhota. O tempo, que estivera irio e desagradavel até 13 de Março, amainou, conservando-se sereno até ao fim do mez. Junot aproveitava o compasso de espera e estroinava quatro dias na quinta do Ramalhão, em companhia de quatro dansarinas de S. Carlos. No mez de Julho repetia o divertimento, previamente annuciado na mesma *Gazeta*: "Hoje vai pernicar á (profanda) quinta do Ramalhão, de bracho dado com Madama Foy, e outras



CONDessa DA EGA

dansarinas, o General em Chefe, etc. Poucos dias depois, contava mais: "Hoje não ha baile no Quartel-General, como se havia annuciado, por ter torcido uma gambia uma das bailarinas ao serviço do dito General."

A par e passo, os alambiques poeticos distillavam versos flagellantes de outros brixotes:

*Entre os titeres generas
Entrou um de genio alto,*

(1) Alberto Pimentel. *A ultima cõrte do abolicionismo em Portugal*



Que ou era o diabo vivo,
Ou tinha os mesmos sinais;
Aos alheios cubedoes
Lançava se como setta,
Namorada branca e preta,
Toda a idade lhe convinha,
Comigo tres "emes", tinha:
Manhoso, mau e manêta.

Vi com olhos magoados,
Nestas Francezas bisarmas,
De Camões um verso: "As armas
E os varões assignalados";
De França vinham marecados,
Dois d'elles eram monetas,
Era calvo o das Gazetas,
De Laborde enfermo e pisco,
O Junot trazia um risco,
Faltou vir um com mulêtas.

Ainda se contam anedotas, por meio das quaes se censurava a rapididade dos francezes. Timotheo Lecussan Verdier, um dos que mais contrariaram as pretensões de Junot ao throno luzitano, sabindo uma occasião de sua casa, respondeu a um amigo que lhe perguntava para onde ia: "Ao pinhal de Azambuja." Designando com este nome a residencia do duque de Abrantes.

Depois da convenção de Cintra, Junot abandonou o paiz. Então, alguém affixou na porta da sua ante-camara, no palacio do Quintella, o seguinte pasquim:

O Senhor Duque d'Abrantes
Ficou Junot como d'antes.

Para Junot, o futuro foi uma traição do passado. Decahi tanto das boas graças do imperador, que este nunca mais lhe conferiu commandos superiores. Voltou a Portugal, na terceira invasão, em 1810, mas sob as ordens de Massena. Quando effectuava um reconhecimento junto a Rio Maior, uma bala, que escapou d'entre a crepitação crescente e decrescente das fuziladas, produziu-lhe grave ferimento na cara. *Il ne sera plus beau garçon*, disse o parlamentar que veio, depois do combate, tratar da troca de prisioneiros ou de assumpto parecido.



Rotados tres annos, Junot entregava-se definitivamente ao juizo supremo d'essa deusa de todos os tempos — a Posteridade.

O corpo do duque de Abrantes foi sepultado no cemiterio de Montbard (Côte-d'Or) e o seu coração entregue na igreja metropolitana da Magdalena, em Paris. Mas o ducado phantastico, tão phantastico como as terras chimericas nas chorographias dos contos azues, continuou a transmitir-se em herança. A coroa ducal assenta agora na debil cabeça do filho de um agente de cambios, Mr. Le Rey, residente no seu palacete parisiense da avenida Henri Martin.

E, ao recordarmos a grande epocha imperial, de que Junot foi uma das espadas mais refulgentes, evocamos essas antigas gravuras theatraes, em que os ajudantes de campo cercam o Imperador, espiando o gesto que, bem depressa, encherá as collinas e os vales dos ruidos do canhoneio, do estrepito das bayonetadas, do tumulto furioso da carga, da alegria turbulenta dos estandartes desfaldados, dos clarões offuscantes das armas, do tropel dos cavallos e dos sons claros das cornetas, e que fará estremecer essas barretinas altas e felpidas, impassiveis ante as balas e a metralha, mas que constituiam o mais bello adorno dos que entraram triumphantes em Vienna, em Berlim, em Madrid e em Moscovi, dos que acompanharam o grande homem sob o sol ardente da Hespa-

nha e sobre os gelos da Russia, dos que o choraram em Fontainebleau e guardaram na ilha de Elba, dos que alegremente desembarcaram no golpho Juan e formaram, antes de cahirem, o batalhão sagrado em torno das aguias na tarde fatal de Waterloo.

Se fôsse possivel fazer desfilar, como em lanterna magica, as epochas historicas da França do seculo XIX, o Primeiro Imperio figuraria como uma galopada heroica atravez da Europa, a Restauração como um sombrio quadro moldurado pelo terror branco, o reinado de Luiz Philippe como uma trivialissima aguarella burgueza, e o Segundo Imperio como uma tresloucada bacchanal em que se experimentassem sessenta impressões diversas por minuto, uma festa cheia de luzes, de hombros nus, do ramalhar dos leques e do rastolhar das sedas, cortada, a breves intervallos, pelas estridencias de alguma banda de guerra, por gritos victoriosos, por marchas rompantes de tropas que voltavam da Criméa, da Italia ou do Mexico, debaixo de uma chuva de flores e de beijos atirados pelas mulheres extasiadas.



PINTO DE CARVALHO (Tinop.)



Dolorosa

A muez Eliza

Com as veias santas dos altares
Fallida estas e esguia como os cirios,
Tens nos magoados olhos singulares
Relampagos de sonhos e martyrios.

Nas ondas brancas dos lençoes revoltos
Farcos afogar-te, pomba mansa,
As mãos pendidas, os cabellos soltos,
Num abandono de desesperança.

Immerges vagorosa, tristemente,
Cementando apenas, naufraga da Dór;
Mas esperando, numa crença ardente,
A todo instante o lenho salvador.

Ha mezes quantos em teu corpo aliroso,
A que a Alegria as azas empistava,
Insinuava-se um mal insidioso,
Que te fez, pobre amiga, sua escrava!

Ha mezes quantos que, pregada ao leito,
Na sombra de uma camara, padeces;
E cada vez mais se te opprimo o peito,
E mais gozmes e mais empallideces!

Da febre as garras rasgam-te, cadentes,
As visceras e eu sinto-te escaldar,
Ouço-te as tristes falas incoherentes,
Vejo-te o seio fervido offegar.

E as mãos torcendo e os grantos engolindo,
Quando-me ao lado teu, sem poder nada;
Contemplo, mudo, o teu soffrer inflado,
E sinto a alma transida, enroscada.

Não raro, tristemente o olhar arguendo,
Amargurado, e a boca deserrando,
«Oh! Deus! — perguntas — porque estou soffrendo?»
«Que delicto ou peccado estou purgando?»

O de haveres nascido, amada minha.
Visto que Deus não quer te responder,
Respondendo-te eu, O crime da avoinha:
O imperdoavel crime de nascer!

Soffres as mães aos fillos dando vida,
E estes partilham do soffrer materno;
Se o prazer pouco dura, a Dór, querida,
Cada breve minuto faz eterno.

Não julgues penas as horribes dóras
Que curtes nesse leito, o Dolorosa,
Deus não pôde punir anjos e flores:
Pois não foi Elle que te fez e a rosa?

Soffremos todos os que te adoramos.
Vendo-te assim soffrer, meu doce amor,
E uma Santa, sim, que te enxergamos
Em torno a fronte — a aureola da Dór!

O COMETA



Um dia, sem nenhum almanach, sem nenhum astrônomo o haver anunciado, appareceu no firmamento um cometa; era magnifico e arastava apez si uma longuissima cauda de fogo.

— Se cair na terra, dizia o povo, morreremos todos abraçados.

O terrão no alto da torre do velho castello estava negro da gente que observava o novo astro com oculos de alcance, e em todas as aguas fartadas se viam depontar cabeças curiosas.

Nas ruas parava a multidão e todos estendiam o pescoço ao céu, enquanto que ao mesmo tempo, na estrada real, um viajante solitario, apesar do adeantado da hora e do atraso da jornada, suspendia tambem o seu caminho para ver com admiração o phenomeno.

E cada qual tinha as suas idéas particulares sobre o que a apparição do astro podia presagiar.

N uma pobre casinha desviada, conservam-se sentados uma mãe com o seu filho; não sabiam do cometa. Em cima da mesa, uma palmatada e um bico recurvo apontado para a creança. A mãe erguendo a cabeça fez reparo n'isso e estremeceu de susto. Pelo que muitas vezes ouvira dizer, aquella circumstancia provava que seu filho havia de morrer cedo.

O pequenito, esse nem olhava para o morrão, e mesmo que lhe fossem falar no cometa, não se teria levantado d'aí. Tinha na sua frente um alguardar velho e rachado com agua de sabão; e quando em quando mergulhava n'esta um cachimbo de barro e soprando-o formava balõesinhos maiores ou menores. Estes subiam no ar e ahi voltejavam oscilantes, derramando um vivo esplendor, ao principio amarellos e vermellos, transitando depois para o roxo e para o azul até se tornarem por fim verdes.

— O meu filho, disse a mãe, para destruir o prognostico do morrão, Deus te dê tantos annos de vida como de balõesinhos fizeres.

— Sô isso? respondeu o pequenito.

E rapidamente levou o cachimbo do alguardar á bocca, e fez um novo balão, que subiu.

— Ahi está um anno, exclamou jubiloso; e repetindo outra e outra vez o mesmo movimento, dizia: — ahi vai outro, e agora outro. Olhe, minha mãe, como vão altos, e que cores tão bonitas teem!

— A estas palavras, um balõesinho dos maiores rebentou-lhe n'um olho, e fez-lhe doer, de modo que o pequenito parou, turvada a vista por algumas lagrimas.

— Venham cá, venham ver o cometa! exclamou uma visinha. Anda toda a gente na rua. Corram, corram.

A mãe pegou no pequeno pela mão. Por vontade d'elle ficava all a fazer mais balões, affim de contar mais alguns annos; mas a visinha insistiu em que era preciso absolutamente ir contemplar o cometa.

O pequenito abriu os seus olhos muito espantados, quando viu o globo de fogo, seguido por uma cauda scintillante, a qual, na opinião d'elle, devia medir bem umas dez varas; mas explicaram-lhe que tinha de comprido alguns milhoes de leguas.

— Já nós e os nossos filhos havemos de estar mortos e enterrados quando elle voltar, disse a visinha.

E effectivamente quando o astro appareceu de novo, a maior parte dos que o tinham visto pela primeira vez já não era d'este mundo; contudo, o rapazinho que, segundo o que a mãe d'elle pensava, devia morrer porque o morrão da véia o tinha apontado ao destino, vivia ainda, mas estava já muito velho; tinha os cabellos completamente brancos. Havia-se feito mestre escola, e, apesar dos seus adeantados annos, ainda ensinava e as creanças ouviam com attenção o que elle lhes dizia; dava a tudo muito interesse pelas lindas historias que sabia intercalar com as suas lições instructivas.

Gostava de falar dos corpos celestes e explicava aos seus alumnos que dentro em pouco, segundo os calculos dos astrónomos, havia de tornar a apparecer um cometa que elle tinha já admirado quando era rapazinho.

— Reparem bem, dizia-lhes elle, que tudo se repete n'este mundo, tanto os acontecimentos como as personagens e até mesmo os contos e as lendas. Por exemplo, todos conhecem bem a historia de Guilherme Tell, que devendo deitar abaixo com uma setta a maçã collocada sobre a cabeça de seu filho, preparou outra setta para atravessar com ella o coração do malvado Gessler, no caso em que a creança fosse morta. Isto passava-se, segundo se diz, na Suissa, na idade media.

Pois bem: muitos seculos antes, na Dinamarca, o heroe Palnatoke tinha feito exactamente o mesmo. Tambem a elle lhe ordenaram que derrubasse uma maçã de cima da cabeça de seu filho; e tambem elle havia do mesmo modo preparado a sua vingança.

E muitos milhares de annos antes, nas margens do Nilo, no tempo de Pharaó, já se contava a mesma historia a proposito de outro habil arqueira.

Foi este velho mestre escola, de quem estou falando, o primeiro que teve a ideia de ensaiar geographia aos meninos por um modo palpavel e frisante. Tinha um grande jardim, e mandou-o dividir e arranjar de maneira que n'elle se viam todas as ilhas da Dinamarca, a Islandia e o Desvig representados conforme a sua situação, a sua configuração, com as suas costas, as suas bahias, as suas montanhas, e os seus rios. As cidades eram designadas por esculturas de madeira, figurando os braços d'ellas ou algum facto da sua historia.

O santo rei Canuto com o dragão era Odessa; o bispo Abalão com o baculo, era Soró; Aarhus era figurada por um navio de guerra movido a remos. Por esta fórma, até os alumnos mais novinhos tinham aprendido n'um instante a geographia do seu paiz.

Estavamos, porém, no ponto em que dissimos que se esperava o regresso do cometa: a gente nova andava contente só com a ideia de ter de gosar tão extraordinario espectáculo: os velhos que pensam com mais alcance, esperavam da influencia do cometa uma colheita melhor de vinho.

Eis, por fim, o cometa no horizonte; mas, ó infelicidade! o céu estava constantemente coberto de nuvens e nevoeiros, e não deixára um momento de chorar; os astrónomos não pregavam olho; passavam noites ao lado dos seus telescopios, esperando sempre que se desannuvasse o firmamento.

Uma noite, o velho mestre escola estava sentado no seu quarto, esperando tambem o momento em que as nuvens se dissipassem. E viu desfilir deante de si a imagem de que lhe tinha succedido desde o instante em que sua mãe lhe dissera que elle havia de viver tantos annos quantos os baldesinhos que se prasse. Não tinha retido exactamente o numero d'elles, mas parecia-lhe que a conta não devia já andar longe.

Estava, portanto, vendo como n'um sonho passar os acontecimentos da sua vida, toda de trabalho e de virtudes, quando de repente brillou uma grande claridade.

O vento tinha rasgado as nuvens, e o cometa, no seu maximo brilho, resplandecia no firmamento, estendendo a sua cauda, que parecia um feixe de estrellas scintillantes. O velho reconheceu-o logo. Parecia-lhe que estava ainda no momento em que, pela mão de sua mãe, via o astro pela vez primeira, e comtudo havia mais de setenta annos entre os dois momentos.

Durante esse tempo tinham surgido na historia poderosos reinos prosperos; tinha havido muitos acontecimentos, muitas mudanças n'este mundo!

Mas o velho tinha sempre o espirito voltado para o tempo da sua infancia, e, depois de ter contemplado e admirado o cometa, abriu o cravo antigo que havia herdado de sua mãe, e tocou a melodia de uma velha canção que tinha sido composta a proposito do cometa, quando este appareceu pela primeira vez. Sentia-se transportado n'uma beatitude tranquilla e ineffavel.

De repente estalou uma das cordas do instrumento. Vieram uns visinhos ao quarto do velho chamo-o, para ir á varanda contemplar melhor o cometa.

Tinha-se-lhe partido o coração ao mesmo tempo em que a corda estalára.

O terraço da torre do castello estava povosamente cheio de personagens de distincção, e as ruas regorgitavam de espectadores, que se tendiam o pescoço para o astro brilhante; o viajante, na estrada real, parava para o admirar. Mas a alma do velho tinha voado para espaços mais altos do que os que o cometa percorria, e admirava esplendores muito mais formosos do que o brilho magico de aquelle feixe de luz.

Andersen.



Aquelle que mais dá ao mundo em que falar é o que mais o semeia de invejas, ruins plantas que nascem logo enfiadas de espinhos para o seu cultor, e, se vem a dar flores, não é senão depois de cem annos, e para coroar a urna de quem apenas as sonhára.

CASTILHO.

Certas questões tem o privilegio de unir as pessoas mais afastadas e de afastar as mais unidas.

FRANCIS CHARMES.

Muito frequentemente os politicos novos perdem os povos e os velhos generaes os exercitos.

G. TOURNADE

Não ha governos populares: governar é descontentar.

ANATOLE FRANCE.

Um secreto instincto nos impelle para os perseguidos.

RENAZ.

O homem não morre; mata-se pela avides de viver e pelo medo de morrer.

GRATRY.

Melancholia: o luto alliviado de pensamento.

MARIA ADVILE.

Por um effeito contrario do tempo, as leis cahem em abusos e os abusos tomam força de lei.

G. M. VALTOUR.

O homem ingrato ao seu amigo é traidor ao seu soberano.

A demasiada indulgencia protege o crime e alenta o inimigo.

O Sanatorio do Outão



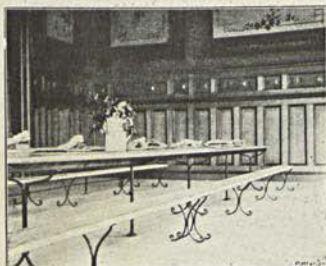
Na Praia

No dia 6 de junho a Assis-tência Nacional aos Tuberculosos inaugurou oficialmente os seus auxilios práticos.

A Assis-tência Nacional aos Tuberculosos constitue por assim dizer uma Liga de caridade com o fito de evitar o horroroso



O Sr. Arcebispo de Myletleno



O refectorio

dos seus associados e na influencia superior da sua directora e iniciadora: a Rainha. Combatêrã a tuberculose. Assistirã a doentes na penuria. Alimparã do lymphatisimo creanças indigentes.

E fará muito... E pouco fará por impossivel, por se a sua accão limitadissima e representar uma brilhante gota do benedictio no tenebroso oceano da desgraça.

A sua accão que começa n'este preciso momento é coruscante mas de limitadissima efficacia. Tenta atalhar o mal já feito e, parecendo, como no caso do sanatorio do Outão, ir desalfal-o ao seu covil, é ainda o mal já feito que tenta atalhar.

Porque nada mais poderá fazer por impossivel, e isto porque não entra decerto no seu programma a remodelação politica d'um mundo. Entretanto... ignoro se entrará nas suas intenções... a remodelação de certos serviços chamados publicos que tendam por exemplo... a evitar que o merceiro nos roube e nos envenene e nos transforme em caldo bacilloso... a evitar que a alfandega diminuindo a sua pantagruetica guela — consinta a compra de determinados generos ao que é pobre, como quem diz consinta que o pobre se alimente e se fortaleça para que os seus filhos sejam resistentes... e a evitar a ignorancia callosa do vilão pois que se por considerações superiores se lhe manda o padre, falar-lhe em Deus, parece tambem convir por considerações huma-

nas ensina-lo a ser homem e a lavar-se, mandar-lhe o medico que lhe fale em hygiene o que é mandar-lhe a intelligencia que lhe fale no Futuro, e no Futuro são.

Educar e alimentar. Educar bem e alimentar bem. Pesquisar nas fabricas o excesso de trabalho. Sanear e vigiar a mulher grávida. Examinar e fortalecer o recém-nascido. Olhar-lhe a habitação. Proibir symbroses matrimoniaes de tarados. Isolar, mas com carinho, os contagiosos. Incinerar os mortos.

Mas porque a assistencia faça o que pode, n'este meio infecto, já o seu intuito é digno de gabos... sem que haja contradicção na minha arenga.

A inauguração do sanatorio derivou n'um passeio rico de aspectos sob a redoma d'um céu retinto d'azul. Passagens de Setubal, longes d'Arrabida, aguas transparentes do Sado que o bastante é fallar de laes delicias para evitar empolada descripção.

Foi pois uma manhã de sonho a que se passou a pretexto da inauguração do Sanatorio do Outão, instalado na velha torre transformada, ha annos, em residencia dos Reis e inaproveitada até aqui.

A torre, no baixo da encosta da Arrabida entra pela agua dentro. Bate-lhe aos pés uma agua de lago, estampa-se-lhe o perfil no negrume da serra. E é ali entre os ares da serra, e os ares do mar, que uma cura vai ser feita as poucas creanças felizes que a possam aproveitar. Lá estão já em tal atmosphera de vida 36 creanças escrofulosas.

A instalação é provisoria.

São camaratas brancas com longas janellas, de camas alvas, simples. Um refeitório de mezas corridas. Terracos de passeio.

E em tudo a preocupação do ar, da cura d'ar... que entre muito ar, que se renova muito ar.

No começo da visita o arcebispo de Myletleno de cruz alçada e em ceremonial correspondente foi benzendo quart



Um grupo de creanças

alastramento da tuberculose. Essa Liga, sob a direcção de S. M. a Rainha Sr.ª D. Amelia, é apparentemente poderosa pois que se alicera nas grandes fortunas

por quarto do sanatorio. Expurgou-se o demo.

Leu-se e assignou-se um auto de inauguração.

Depois lanchou-se. Saudou-se El-Rei. Saudou-se a Rainha.

As trinta e seis creanças estão sob a vigilancia de irmãs da caridade.

O sanatorio futuro, o definitivo, poderá comportar cento vinte oito creanças.

Será um edificio de 110 metros de comprimento construído sobre a grande bateria da Torre. A sua frente olharã para o mar. E a serra d'Arrabida abriga-o ha dias nortadas fortes. As camaratas comportarão cada uma 16 camas, com a cubazem de 480^{cm} por camarata ou seja 30^{cm} por cama, o que é esplendido. A fachada terá 74 janellas. E a parede posterior 51. A cada camarata cabem 7 janellas de 1 metro de largo por 2,70 de alto.

A esplanada e baterias do castello constituirão terracos de recreio e d'ahi descerão as creanças, se convier, à praia.

Nos dias chuvosos passarão as creancinhas o seu tempo de recreio, a maior parte do seu tempo pois, n'um vasto jardim d'inverno que se construírã ao norte da Torre.

A cosinha isolada. A illuminação electrica, evitando o carregar-se a atmosphera com productos nocivos de combustão.

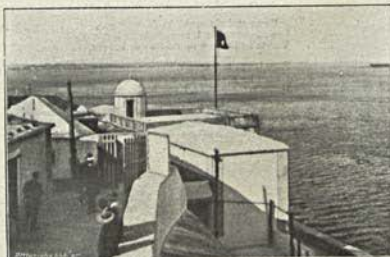
Annexos, estabulos com vaccas sãs, bem pastadas.



Outro grupo



Outro grupo



No Pharol da Torre

É para que se não conheçam doenças contagiosas no sanatório, um pequeno lazareto à entrada permitirá o exame e estacionamento das creanças que entrem.

Ficará sem dúvida um sanatório modelo.

Como exemplo de certa orientação da chamada caridade merece o agradecimento de todos a iniciativa superiormente tomada.

A caridade tem o seu lado de lantejoulas e o seu lado de lagrimas. Tem a sua bella falsa de histeria, mas tem tambem as faces maceradas do opprobrio. Talvez satisfaca o que a exerce... talvez satisfaca o que momentaneamente descesta, mas talvez insulte muito a dignidade do miseravel que pense.

A assistencia... a assistencia para fabrico de gente saudavel... ainda

é caridade, mas é caridade sem offensa. Porque na assistencia, a caridade que se exerce (mesmo à luz do criterio cheio de doze d'agora) querera dizer succintamente: restituicao.

Assistir ao misero com suas vitualhas dos afortunados é pouco mais ou menos o mesmo que restituir.

Restituir ao pobre a parte de vida sa... restituir-lhe os direitos ao conforio que a injustica e os preconceitos sociais lhe sonegaram em favor dos mais astuciosos.

Assisti, pois, os que podeis!
Restitui, pois, o que deveis...

Junho — 900.

ARNALDO FONSEGA.

THE ATROS

A VIDA theatral em Lisboa apesar do calor, não perdeu muito este anno do movimento que a caracteriza durante o inverno. Estamos em pleno estio, com sol quente, desafiando o mergulhar nas ondas por essas praias fora e noites abafadas convidando ao capiti gelado da Fraga de Cambões, mas uma vez, ultrapassados os humbres dos theatros ainda abertos, faz-se de conta que cá fóra chove, que o vento sopra, e que a inverneira ameaça. Sobee-se a larga escadaria do Colyseu, e encontra-se todo o publico de S. Carlos, que ainda não foi para Cintra, lá em cima no palco topa-se com a pobre *Somnambula* a passear embalada pelo chimerico sonho das illusões, ou com a infeliz *Lucia de Lammermour* que foi o encanto de gerações dadas ao sentimentalismo, e o publico applaude com a força com que não é capaz de applaudir em S. Carlos, o que se explica talvez pelo simples motivo de que no Colyseu não ha o receio de escangalhar as luvras. O ruido das palmas nas casas de espectaculos está na razão directa da commodidade dos espectadores. A vontade, de traje de passeio, fumando o seu cigarro, do chapéu tirado apenas por devoção e não por obrigação, ha muito mais vontade de fazer barulho do que mettido dentro de uma camisa engommada com collarinhos da altura da torre de Malakoff, finamente enluvado e encascado à altura. Por isso nós se fossemos cantores lyricos preferiríamos abrir a boca em um Colyseu a soltar a voz n'um palco aristocrata. E'

talvez mais perigoso para a garganta, mas é com certeza mais alegre para os ouvidos. Vão lá perguntar á Snr.^a Vetriski se troca as suas noites de gloria do Colyseu pelas da Snr.^a Theodorini em S. Carlos, apesar d'esta poder gabar-se de ter recebido sempre all os mais ruidosos applausos.

Os theatros abertos agora são tres, a conta que Deus fez e todos elles, coisa não muito vulgar, estão sendo felizes. Do Colyseu, pas-



Scena final do *Dente do Macarico* no theatro da Rua dos Condes



Outra scena do *Dente do Macarico*

se-se ao pequenino theatro da Rua dos Condes que já dissemos na ultima chronica ter encontrado a sua *muscotte* no *Dente do Macarico* que o Snr. Eduardo Schwalbach arrancou ao seu maleavel talento. Durante esta quinzena, as enchentes tem continuado, e o auctor ponde mais uma vez receber do publico, na 15.^a representação da sua magica, recita que é a d'elle, a homenagem devida ao seu trabalho. As festas de Schwalbach marcam sempre á parte nos espectaculos dos nossos theatros: não como que uma reunião intima dos seus numerosos amigos, e das pessoas de distincção aparentadas ou relacionadas com a familia do distincto escriptor. Por isso tem um cunho alegre, festivo, sem sombra sequer de inveja, a turvar os que o saudam ou os que o applaudem.

D'essa magica que promete atravessar a epoca estival do theatro da Rua dos Condes, damos hoje duas das melhores scenas, reproduzidas de photographias apanhadas á magnesio no final de um espectaculo, tendo-se prestado gentilmente os artistas a essa pequenina demora no seu desfoçar, ao fim de uma noite de canceira.

Outra peça de grande espectaculo á, a que os ara, Eduardo Fernandes e Accacio de Paiva, dois jornalistas do *Seculo* traduziram do francez. *La belle au bois dormant*, sózinha, pelo encanto da sua *mise-en-scene*, pelo luxo do seu guarda-roupa, pelo conjunto primoroso como appareceu no palco, fez a fortuna do theatro francez que a poz em scena. Outro tanto parece — guardadas as proporções — reservará á companhia de artistas que a foi representar para o theatro D. Amelia, com o titulo de



Uma scena da *Princesa Encantada*, no theatro D. Amelia



Manuel Candadas (baixo do Colosso)

no theatro D. Amelia são um bello espectáculo para a vista, e que em Paris chegaram a ser um verdadeiro deslumbramento. O genio da sombra tem a narcotica mania de adormecer a pobre Princesa, nada menos do que por todo um seculo. N'aquelle tempo, ao que se vê, os somnos eram d'esse tamanho, o que talvez não fosse peor, e que talvez não fosse peor, era com certeza mais original. Assim um sujeito que tivesse juizo e relações com esse genio da sombra poderia ter vindo desde Christo até Edison, adormecendo por exemplo durante a guerra dos trinta annos e outros períodos de conflagração geral, e tendo tido o ensejo de conhecer de viva Virgilio e o ar. Guerra Junqueiro, o grande Napoleão da França e o pequeno Napoleão de S. Carlos, a bella Helena que fez trémor Troya e a ar. Pepa que tem feito o ensejo de coisas muito mais difficis.

Como todas as Princesas de todos os tempos, está para casar com um Principe, e como outras também apaixonada se por um plebeu. Na vida real o caso seria intricado, mas no mundo da opereta, tudo se arranja, e a Fada Primavera, previdente como todas as fadas, declara ter trocado em pe-

quenos, o principe e o camponez, e que o sangue d'este é que é azul, e o do Principe vermelho. Essa troca fez a felicidade da Princesa e alegria da familia.

Este o encanto da Princesa, porque o da peça está todo, como já disse, no scenario e o grupo de artistas que estão em D. Amelia esmeraram-se n'isso, e podem gabar-se de que apresentaram coisa fina. Augusto Pina foi o artista que tão distincto se tem tornado na arte de scenographia. E por tal forma se tem revelado



Emma Petroski (Soprano do Coliseu)

n'esta aptidão especial, que peça de apparato que não seja *signé* Augusto Pina é peça *manqué*. As scenas, também reproduzidas ao relampago do magnesio, que damos n'esta pagina são a prova d'esta affirmação. Assim, os leitores da Revista que não tenham tempo ou pachorra de ir ao theatro poderão por intermedio d'ella ir assistindo ao desenvolvimento de uma arte, para a cultura da qual d'antes era absolutamente indispensavel recorrer a artistas estrangeiros. O desempenho foi o mais cuidado e o mais correcto, salientando-se entre todos Mercedes Blasco que, representando e cantando, nos deu uma Princesa digna de ser protegida pela Fada Primavera. A primavera é a estação por excellencia das flores, e essa protagonista Perraut o que é senão uma flor — pelo menos no conto que originou a peça?



Outra scena da *Princesa Encantada*

BRASIL PORTUGAL

REVISTA QUINZINAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão
 Text. e capa: Companhia Nacional Editora
 Largo do Condé Barão, 30
 Vaginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.^{ca}
 Rua d'Assumpção, 15 e 24
 Romance: Typographia Castanheira
 Calçada de S. Francisco, 13

Directores
 Augusto de Castello, Jayme Victor, Lorjã Tavares
 Editor
 Luis Antonio Sanches
 Redacção e administração—Rua Ivens, 55
 LISBOA
 Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	1\$2000	Anno.....	6\$500	Anno.....	8\$000
Numero avulso (moda brasileira.....)	2\$500	6 meses.....	3\$500	6 meses.....	4\$500
		3 meses.....	2\$000	Numero avulso.....	\$500
		Numero avulso.....	\$500		

SUMMARY

Os santos populares.—(Illustração de Angelo).
 Chronos Electricos.—O Brasil-Portugal.
 D. A. Maria Ferreira Lima do Sa Camello Lampreia.
 Os novos ministros.
 O governador civil de Lisboa.
 Castello.
 Notas da Quinquena.—Alfredo de Mesquita.
 Um eclipse total do sol em Ovar.
 1.º Centenario do Brasil.—O passeio oferecido pelo Club Naval á officialidade do cruzador «D. Carlos» — Ernesto Steina.—O quadro premiado no concurso aberto pela associação do 2.º Centenario — Aurelio de Figueiredo, acção do quadro.
 No tempo dos francezes.
 Dolores.—(Versos)—Valentin Magalhães.
 O cometa.—(Conto) Ancersen.—(Illustração de Angelo).
 Bolshmia.—(Soneto) Santos Tavares.—(Illustração de Angelo).
 Pensamentos.
 Sanatorio do Outão.—Araldo Fonseca.
 Theatros.

Paginas supplementares

O Brasil-Portugal na Africa.
 O Brasil-Portugal no Pará.
 Madridal—Montequies.
 Tres dias na Repolla.—L. F. Marreca Ferreira.
 Serenas (versos)—L. T.
 Hercules e Bulado Fato.—(Memoria) Bulho Faia.
 O velho mestre (senda allemã)—Ribeiro Arthur.
 Versos—Machado de Assis.
 Honra e Juizia (conto monetario)—C. Mariano Fróes.
 Copos de Prados (versos).
 Versos—Fernandes Costa.
 Anotacoes e pensamentos.
 Cidades.—O programa d'uma corrida de touros no Terreiro do Faço em 1752.
 Cartão da quinquena.

48 ILLUSTRACÖES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — (Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfândega, 4, sobrado).
 FERNANDEUO — A. Leopoldo da Silveira.
 PARÁ — J. B. dos Santos & C.^{ca} (Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 39.
 MARIÁOS — Lino Aguiar & C.^{ca}
 MARANHÃO — Leoncio J. do Medeiros & C.^{ca}
 CEARÁ — Salles Torres & C.^{ca}
 BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 28.

PELOTAS—Carlos Pinto & C.^{ca} (Livreria Americana).
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.^{ca} (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Gesar A. Gouveia da Silva Homem, Theoureciro geral da Provincia.
 MOSSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.

QUELIMANE—Henrique Lima.
 HENGUELLA (Egypto)—Matheus & Tavares.

No Continente

PORTO — (Agencia geral no Porto e no norte.) Antonio Couto Fernandes, Rua de Cambes, 11, A, 2.^o
 EVORA — (Agencia geral em Evora e no Sul.) Luis Freire Correia, director da Socalização dos tabacos.
 BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.
 FONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.^{ca}.
 COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 14.^o

O «BRASIL-PORTUGAL» NA AFRICA

No ultimo numero do *Futuro*, de Lourenço Marques, encontramos umas referencias lisonjeiras ao nosso amigo e representante d'esta Revista na Africa Austral, o sr. Henrique Lima, quando, ha semanas, passou por aquella cidade, caminho da Beira deixando em todos os pontos excellentes resultados da sua propaganda.

O «BRASIL-PORTUGAL» NO PARÁ

Do Pará chegou a bordo do *Madeiraense* o nosso amigo o sr. Antonio Brazão, commissioned pela empresa d'esta Revista para percorrer o norte dos Estados Unidos do Brasil, em propaganda do *Brasil Portugal*, que tão grande e tão entusiastica acceitação tem tido quer no nosso paiz, quer na America do Sul e na Africa.

No Pará, onde o sr. Brazão teve um acolhimento extraordinariamente lisonjeiro, não podia ser maior o exito obtido para esta publicação, que desde o primeiro numero segue aquella maxima do velho jornalista francez de que um jornal ou revista deve ter em mira para com os

assignantes e leitores — *leur plaisir aujourd'hui et recommencer le lendemain.*

O *Brasil-Portugal* tem uma venda extraordinaria em toda a Republica Brasileira. Do norte chegam-nos constantemente assignaturas e adhesões, que muito nos honram.

Dois dos jornaes mais importantes do Pará referem-se com palavras amaveis á despedida do nosso representante. Transcrevemol-as com os maiores agradecimentos do *Brasil-Portugal*:

Da Folha do Norte:

«Antonio Brazão, redactor representante do *Brasil Portugal*, tendo de retirar-se para a Europa no vapor *Madeiraense* e não podendo despedir-se pessoalmente dos seus amigos, vem por este meio agradecer a todos a boa recepção de que foi alvo n'esta cidade, assim como a todos os nossos estimaveis assignantes, que tão amavelmente continuaram a assignatura do 2.º anno, e muito especialmente á illustre imprensa paraense, que tantas provas de sympathia nos deram nas suas apreciações bastante honrosas para a nossa Revista, e aos nossos particulares amigos os srs. Montenegro Ferreira & C.^{ca} e Alberto Nikols Moore pelo valioso auxilio que nos prestaram em tão ardua tarefa. A todos offerece os seus francos prestimos em Lisboa.

O nosso collega e amigo Antonio Brazão pede-nos para declararmos que os srs J. B. dos Santos & C.^{ca}, muito activos e intelligentes proprietarios da Livreria Classica, ficam definitivamente agentes da mesma Revista n'esta capital, a quem os srs. assignantes podem dirigir as suas reclamações.»

Do *Pallas*, orgão do Gremio Estudantino Paraense:

«A extrema e fidalgã gentileza do sr. Antonio Brazão, bastante digno representante da importante revista *Brasil-Portugal*, devemos a penhorante visita d'um numero d'essa bella e valiosissima illustração portuega.

E' dedicado á commemoração do IV centenario da descoberta do Brasil, o numero que temos em mão.

Acompanhando o exemplar da Revista, enviamos o sr. Brazão o seu cartão de visita, no qual pedim-nos a nossa opinião a respeito da interessante *magazine*.

Respondendo ao distincto representante do *Brasil-Portugal*, diremos unicamente que qualquer que fosse o juizo que pretendessemos dar

Prozem os preciosos Vinhos
 de Adriano Ramos Pinto

sobre o valor de tão preciosa quão rara publicação, nenhum lográria, decerto, atingir ao grau do verdadeiro merecimento que ella possui.

Para a Revista *Brazil-Portugal* recomendar-se não precisa de elogios nem de referencias encomiásticas, basta só que a frente da sua redacção fulgurem os nomes de Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjz Tavares.

Agradecidos, portanto, á remessa de tão custoso mimo, cumprimentamos ao seu offerecente pela maneira assás digna porque se houve a revista *Brazil-Portugal*, tornando-se interprete dos levantados sentimentos de patriotismo e fraternidade do brioso povo português, por occasião da gloriosa passagem do IV centenario brasileiro.

Montesqueiu não era bem um poeta, mas um dia, pedindo-lhe duas irmãs, ambas bonitas, que lhes fizesse uns versos, dirigiu ás duas o seguinte madrial:

Vous êtes belle et votre soeur est belle;
Si j'eusse été Paris, mon choix eût été doux;
Ma pomme aurait été pour vous,
Mais mon cœur eût été pour elle.

TRES DIAS NA RAPOILA

Pobre terra! em tudo pobre até no nome! Que se gastem annos, a existencia inteira, em muitos outros pontos, vá! Mas ali uma hora só por motivo de força maior.

Pequeno grupo de casas tócas, terreas e baixas, telhados de valadão, vareado de castanho sem cessar ennegrecido pelo fumo, habitadas por homens pouco diferentes dos *ilotas* descritos por Népou, tal é a Rapoila, que demora nas visinhanças do Côa, afluente do Douro.

Dizem os inglezes: *the wind of the east it is not good for the men and the boat*, e, infelizmente, senta a verdade do britannico adagio quando, accossado por temporal de leste, tive de fazer durante tres dias n'aquelle sepulchro de vivos.

Bem simples a planta da casa que me deram: do a compartimentos, sendo o maior a cozinha, onde ardia um fogo de carvalhos com tiragem orçada pelo chupão praticado na parede e que, a pretexto de livrar do frio de novembro, produzia um supplicio não menor, pondo os olhos pelo fumo insoffrivel n'um continuo choro.

O viver, se assim podemos chamar, mais simples era: sair para fugir aos tormentos de dentro, entrar para fugir aos tormentos de fóra.

A' porta da casa, que pertencia ao mestre, então ausente, *porta inferi*, entre Scylla e Carybdes, tentei lembrar-me — balda esperanza! — o que do celebre estreito tão celebrado foi na cultura prosa de Justino ou nos carmes divinos de Homero e de Virgilio.

Xavier de Maistre, entusiasta do Creator, que tirou mundos do nada, tendo conseguido tirar do seu gabinete de trabalho um mundo, não faria cousa de geito se ali fosse parar. A estrella d'elle empanar-se-ia para todo o sempre nas fumaceiras da Rapoila. Possuiste embora imaginação oriental, o delirio da phantasia nunca poderia figurar-lhe como flaccidas ottomanas, coxins, divans... alguns molhos de palha de centeio esperando os ossos do padecente n'uma sinistra immobillidade. Atravez das paredes do seu quarto, representando a cada passo um som vindo de fóra, resultante de mil sons, e que tal vez nunca mais se torne a ouvir na lubuta incessante das cidades populosas, estava sentindo o movimento, a vida á agitar-lhe o cerebro e a alma.

Aqui, nem o silencio das cidades que foram, grand'osas necropoles, que elevam o espirito ao culto das ruínas, nem o enthusiasmo pelos prodigios da civilização, representada apenas pelos primeiros estadios: o uso do fogo, a fixação no solo dos raros habitantes, a substituição de cavernas por covas aéreas, figuras humanas um pouco mais apressadas que as dos troglodytes, mas que, ainda assim, em descrever de que é tão geral, como se suppõe, a racionalidade na nossa especie.

Para eremiterio é sitio poderoso de mais, o maior asceta nunca se poderia julgar n'uma thebaida; pura povoação, o aspecto dos seus habitantes não anima a dissertações, nem a praticas de qualquer especie; pareciam adrede lançados no meu caminho para me fazerem sentir a falta de melhor companhia — também Dante não dei-

xou sósinhos os reprobos, os prescitos, todos aquellos sobre que pesava alguma maldição.

Por mais que procurasse divagar o pensamento para entreter as compridas horas de tres longos dias, já a breve trecho cair sempre n'este ponto: em tal terra não se podia estar bem de maneira alguma. De uma outra já se disse que o mais feliz era quem mais dormia; sciente do conceito, quiz conciliar o somno com fumo e tudo, talvez sonhasse com algum paraizo, mas sonhos e paraizos estavam n'uma incompatibilidade manifesta com o extraordinario da situação — e se dormisse de dia o que havia de fazer á noite?

Entrei de novo a cogitar, posto que para cogitações nunca houvesse azada occasião, tendo a dois palmos acima de mim o tecto: umas telhas sempre gotejantes n'um pingar importuno. Quem poderá deavendar o segredo da vida que foge? agora parada a mais não poder ser!

Atacado de nostalgia crescente quiz dar-me a leituras, fosse de que fosse: uma sóva no governo ou uma trépa na opposição; estava já disposto a acreditar n'um artigo de fundo como n'um dogma, leria de bom grado reclamios diários a patrias-luminarias, sociedades, philarmônicas, Revalesciêr do Barry ou á Salsaparrilha de Bristol. No cumulo d'esta ancia, que se desenvolvia n'um crescendo assustador, a méta do meu desejo já seria alcançada se se pudesse avistar o simples letreiro d'uma caixa de chapéu; o progresso não permitia, porém, o luxo d'esse objecto lá para as bandas do Côa.

Apagou-se, afinal, a lanterna de Diogenes — sempre accêda em taes apuros — ao deparar n'um papel esquecido a um canto com algumas estrophes dedicadas ao Natal. A primeira, sufficiente specimen, um tudo nada estropiada para a nossa lingua, vem a ser

Alerta! flores, alerta!

Que de um astro mais luzido

Nasceu da terra tyranna

Uma flor do paraizo.

Eram as primicias poeticas do mestre, ex-cabo arvorado d'infanteria 12, que, atacado á bayoneta calada as Musas, n'um versejar desenfreado, quiz erguer o *rao-olense*, natal idioma, á altura de lingua litteraria.

L. F. Marrecas Ferreira.

O homem que se deixa guiar pela esperanza, viaja como a pobresa.

Fala se de toiradas. Um sujeito que não gosta nada do divertimento para um *aficionado*:

— Olha a grande coisa, oito homens pegarem n'um boi á unha! O que eu queria ver era oito homens pegarem á unha n'uma pulga!

SERENATA

O pallido luar mergulha curioso

Sobre o doce espelho e negro dos pinhaes.

Dormem tranquillamente as mattas virgíneas

Onde se occultu um mundo alado, ruído.

O branco lryo, o lago, o ninho silencioso,

O arbusto, a flor modesta, os grossos vegetaes,

Parecem escutar os canticos divinas

D'um rouxinol que geme a soluçar queixoso.

Não sei que maguas, diz o triste de mansinho,
Tão de manso que eu julgo haver ali um ninho,
S'condido com amor ao fundo da quebrada...

Alí não... O trovador' pousou talvez na matta
E geme assim de leve aquella serenata
Para não perturbar o somno á minha amada.

Cintra.

L. T.

Dois boteiteiros contemplando no campo o pôr do sol.

— Que esplendida planície! Que extensão!
Que verdura! Parece um immenso panno verde...

— É verdade, e o sol uma libra que o banqueiro arrecada.

HERCULANO E BULHAO PATO

(MEMORIAS)

Em 1849, Alexandre Herculanu tinha trinta e dois annos e umas pernas d'aço. Havia-as exercitado pelas terras dentadas, escaldas e frangidas, como valente soldado de infantaria, no herico regimento de Voluntarios da Rainha.

Saúdo-te, meu honrado mestre, que, para seres grande em tudo, eres tambem um bravo!

O Marquez de Sabugosa e eu, tinhamos nossas fumaças de bons andadores. Ufanavamo-nos de vivendo sahido de uma reunião em casa d'um marquez de Penlva, á Patriarchal, de chibros na mão, das mãos e das pernas em polvos, irmos até o palacio S. Lourenço, a Santa Amara, e, resolvendo-nos subitamente, sem pregar olhos, batermos commosso em Cintra!

Contámos, com certo orgulho, a aventura a Alexandre Herculanu, quando, na volta, que foi tambem a pé, no dia seguinte, lhe cahimos em casa sobre a ceia, impadido de gloria e mortos de fome, porque tudo o nosso dinheiro, n'aquella viagem, fora meia moeda, e, quando regressavamos, chegando a Queluz, possuíamos trinta réis que comprámos de urvas.

Que nos dera agora tal miseria com aquella moedade!

Alexandre Herculanu, esfregando as mãos e sorrindo, dizia-nos:

— Qualquer dia, prego-lhes umas calças, rapazes! Combinou-se uma ida a pé a Cintra, para ficarmos alguns dias na serra, no convento do Carmo, que pertencia ao conde de Lavradio, cunhado do marquez de Sabugosa.

Era no fim de setembro. Levantámo-nos ainda muito de noite. De sacco a tiracollo, com letre bagagem e sapato de salto raso, sapato de campino, que é o melhor, cada um pegou no seu couro e partimos serra de Monsanto acima, cotovello de Quiluz, onde deviamos almoçar.

Pelos altos da serra, via-se já o sol a romper, atirando, horizontalmente, as frechas rubras sobre o escudo burnido e esverdeado do Tejo.

Como abríamos o coração desafogado aos esplendores da natureza, nós — moços e entusiasmados — por termos como camarada e amigo aquelle homem que nós illuminava e inflava o animo na nossa humilde penumbra litteraria!

Até Queluz o caminho era bravo, tudo serra — não havia estrada. Herculanu seguia a passo cadencioso e militar; o corpo curvado e pendido um pouco sobre o lado direito. Pelo caminho ia-nos contando os passos do seu tempo de soldado; os dias mais felizes da sua vida, e tambem os da emigração, com terem tido muitas horas amargas!

Em Inglaterra e em França associava-se com mais tres camaradas. Os meios eram poucos: quasi a penuria. Cada um d'alles devia fazer a sua semana. Os companheiros oppozeram-se pertinazmente a que Herculanu comprisse com este deder, alegando que elle se tornava numero mais util nas bibliothecas do que na cozinha. O poeta da *Harpa do Crente* passava muitas horas do dia entre magnificos livros. Era um latinferro, conhecia muito bem francez, inglez e allemão. Tinha os meios para saber tudo. Essa epocha da sua vida foi aquella em que o espirito lhe recebeu mais efficaç e mais volto e impetuoso.

As melhores das suas composições, foram escriptas no exilio.

Oh! meu pae, oh! meu pae, como a memoria Me reflecte alta noite a tua imagem,
Por entre um véo de involuntario pranto!

Exclamava elle, n'estes magnificos versos, que então revendo lagrimas.

Alexandre Herculanu adorava o pae, homem illustrado. Ainda ha dois dias, que, em casa do meu amigo João Galhardo, soube pela irmã d'el' Herculanu, intelligente senhora e retrato vivo do irmão, e viuva do bravissimo general Galhardo, que o pae do auctor da *Historia de Portugal* era quem educava os filhos com todos os preparativos para seguirem estudos superiores. A avó d'el' Alexandre cerculava era tambem senhora de notavel talento. O morgado, que Herculanu herdara para oppulensimo, tinha, pois, legitima procedencia na familia.

Foi na palestra do caminho de Queluz, que elle nos fez uma revelação importante: a historia de dois roubos que praticara.

Um d'elles nem mais nem menos do que o delicto de assassinato! Os cascos nefandos passaram-se assim:

De uma vez, depois de algumas horas de fogo

desalojado o inimigo, chegaram a um casarão abandonado pelos seus moradores. Era momento de fazer alto. A fome aperta-a e a mais tres dos seus camaradas. Correram os cantos á casa e não acharam vitalha, quando Herculano se lembrou de acudir ao forno, e descobriu, lá no fundo, uma enorme broa de pão de toda a farinha, redonda e grande como a roda de um carro e ainda morna. O disco salvador desapareceu n'um momento!

De outra occasião, também depois de combate reñido e em completo jejum, sobre a tarde, dispunham-se a passar a noite no campo, fazendo cruzeiros na bocca. Accendeu-se uma fogueira. Herculano farejava, aqui e além, a vér se lhe cahia do céu alguma coisa, quando detraz de seus casabres desmantelados, lhe vieram ao ouvido uns grunidos de animal suino.

Era de facto um cevado recebendo, de focinho no ar, cabeça encarpinhada, mestiço de javardo. Metteu a claviná á cara e virou o bruto com um tiro na cabeça.

Depois clamou aos camaradas:

— O rapazes, acudam cá!

Um dos companheiros abriu uma navalha, sangrou o animal e amanhou-o n'um prompto. Era um fressureiro, que, perseguido por malhado, emigra.

Passou-se aviso a outros que se haviam alojado n'um moinho proximo.

Parlamentou-se. Houve permuta: os do moinho trouxeram pão, uma mão cheia de sal e a borracha do moleiro.

Mãos á obra!

Sobre o braço do, com espetos de estava, reclinava a carne, e aos clarões do fogo, todos elles accorados em volta, devoravam o porco, a grandes dentadas de canibares. Herculano pellavava por carne de porco. Foi o mais esplendido banquete da sua vida!

Terminado o almoço, em Queluz, seguimos estrada fóra, até Cintra. Em Cintra, comemos alguma fruta, e partimos, serra acima, até ao convento do Carmo.

O mestre lá á frente! Nós não queríamos dar parte de fracos, mas suspirávamos, intimamente, pelo termo da viagem!

Pouco depois da chegada ao convento, fumejava sobre a toalha de linho, muito branca, uma grande terrina de canja. Devorámos a ceia, quasi sem dar palavra, e, em seguida, caímos na cama com o profundo somno do justo. Herculano levantou-se ás sete. Cerca das onze, veio accorá-los, e repetia-nos a seguinte cantilena:

Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é tanto,
Seis o estudante,
Sete o viandante,
Oito o porco,
E nove o morto!

Nós tínhamos dormido doze!

A quem estiver na vasante da vida, como eu, e tenha visto alguma coisa, aconselho que faça os seus apontamentos.

Neste relembrar do que foi, ha um consolo que se não define! Vivemos retrospectivamente. Estas memorias, que não terão valor para os outros, são preciosas para mim! Respiro horas inteiras no horizonte da mocidade, e a consciencia com que escrevo, desaloja-me o espirito, e dá-me uma tranquillidade salutar. São como a consolação para o verdadeiro religioso! Confissão geral: e dito-o hei — embora seja censurado — posso fazel-a alto, sem que as faces se me accorçam, nem de leve, Pecadilhos, fraquezas, arrebatamentos proprios do temperamento, não me fazem, decerto; mas criminoso, não sou nem fui.

Todo o homem que disser, com verdade: — Eu, nunca roubei, nem dinheiro, nem honra: — ha mais ladres d'esta especie de moeda e são os peiores! — eu nunca calumniel ninguém. Este homem morre em paz!

A pouca distancia do convento do Carmo, n'aquella agreste e encantadora posição da nosa Cintra, a que o proprio lord Byron, inimigo fidalgo dos portuguezes, chama a mais bella da Europa, estava a cruz que inspirou Herculano.

Tinha um braço partido, e a hera, a mãe solista das ruínas, deitara-lhe em volta os brancos verdejantes e carlicosos.

A poesia foi começada no convento do Carmo. Rompe por estes magnificos versos:

Amo-te, ó cruz, no vertice firmada
De esplendidas egrejas;
Amo-te quando á noite, sobre a campã,
Junto ao cypreste alvejas;

Amo-te sobre o altar, onda, entre incensos,

As preces te rodejiam:
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te esquiada no cru circo antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataudê,
Guias ao cemiterio;

Amo-te, ó cruz, até, quando no valle
Nagregas triste e só,
Nuncia do crime a que deveu a terra
Do assassinado o pó!

Alexandre Herculano, censurado de impio e de hereje, especie de papio com que em certa sociedade se chegou a metter modo ás crencas, e até ás mulheres já feitas, era uma alma profundamente religiosa. E correr os seus livros. Ha um sabor, um perfume do mysticismo santo de Jesus em centos dos seus versos, e em innumerables relancos da sua prosa escultural.

Elle o que detestou sempre foram ós hypocritas, e, logicamente, os jesuitas, que são os mais nocivos e refalsados hypocritas d'este mundo.

Por occasião de umas eleições, até levantaram que o auctor do *Eurico* afrontava a imagem de Christo! Miseraveis! — Um philosopho christeño, é que elle era!

N'esta composição da «Cruz Mutilhada», escripta em dias prosperos, sob o céu do nosso otommo, na convivencia de dois amigos intimos, está o coração grande e virtuoso de Alexandre Herculano. Inspiravam-o a natureza e Deus!

Aos que o accusavam de blasphemo, respondia com estes versos:

..... «As linhas puras
Do teu perfil, falhadas, tortuosas,
O mutilhada cruz, fallam de um crime
Sacrilégio, brutal e ao impio inutil!

O historiador de Portugal não comprehendia a natureza sem lhe alliar um outro ideal.

Vejam-se estes soberbos versos, dos melhores, que em todos os tempos, se tem escripto em lingua portugueza:

Rochedo que descanças
No promontorio tu e solitario,
Como atalaia que o oceano explora,
Alheio ás mil mudanças

Que o mundo agitam turbulento e vario,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

O matto variado,
De rosmanhino e murta entretrecido,
De cujas tenues flores se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem acudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

O' mar, que vás quebrando,
Rolo apoz rolo pela praia fria,
E fremez sos do paz consoladora,
Dormente murmurando
Da caverna maritima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Correram-nos oito dias n'aquelle deserto, ora descendo á fertilissima varzea de Collares, ora subindo ás assomadas crespas da serra — ou indo vér as ondas, que bat am, referendo, nos reconavos do precipicio da Pedra de Alvidar, — dias, que ficaram para sempre impressos no espirito de Alexandre Herculano e no nosso!

Ha dois annos — havia já quatro que eu vira aganisar o auctor da *Historia da Inquisição* — possel pela serra.

Era um dia bellissimo e temperado de setembro; mas, olhando para o convento do Carmo, senti um frio tão intenso e mordente, que parecia que o nordeste invernal me trespassava até ao coração!

O' mocidade, o sol és tu!

Bulhão Pato.

N'um tribunal.

Trata-se de um attentado ao pudor.

O juiz (á victima) — E a menina não tentou resistir-lhe?

A victima (cabisbaixa) — Elle tinha me dito que era rico.

Acato a sabeladoria das senhoras, quando a figura lhes dá geito de viragos, feito de estradas régias jubiladas e um não sei quê de sexo canónico.

Camillo Castello Branco.

O VELHO MENESTREL

(LEENDA ALLENMÁ)

Para Mayença do Rheno
O menestrel caminhava...
Curvado, velho, cançado...
Té o violão lhe pesava!...

— Que fome! que frio eu tenho!
E ao velho, pobre, cançado,
já ninguém las que recolha
Debaixo do seu telhado!...

— Nos tempos em que eu cantava
Canções de festa e d'amores,
Eu tinha amores e festas...
Era o rei dos trovadores!...

Hoje que vou... miseravel...
Os vestidos era farrapos,
Só me escutam dos vallados
Com grandes olhos, os sapos!

E mais triste... e mais curvado,
Murmurando o surdo thréno
O menestrel ia indo
Para Mayença do Rheno...

De repente, na capella,
Ouviu-se a clara sineta
E viu-se a virgem, no altar,
No seu manto de violeta.

Ajoelhando, o triste velho
Pegou no seu violão;
E cantou á Mãe do Céu,
A velha e doce canção.

Dos pobres, dos desgraçados
Que andam debaixo dos Céus,
A curtir d'óres... irmãs
Das d'óres da Mãe de Deus!

O' Virgem mãe! não desprezes
Os sons do velho violão!
Bem vés que choram nas cordas
D'óres do meu coração.

E, ao ouvir... a Mãe de Deus,
A mãe dos mais desgraçados
Lançou-lhe, por sobre o altar,
Um dos sapatos doirados!

Chorou o triste... chorava...
E ria... depois, sereno,
Lá se ia leve, e contente,
Para Mayença do Rheno...

Mas guardas logo vieram
A prender o malfadado!...
— Onde é que roubaste, ó velho,
Este sapato doirado?

— Não roubei! deu-me a Senhora
Como paga da canção
Que cantara as minhas d'óres
Nas cordas do seu violão.

— Mentel! vaes dar á Senhora
O seu sapato doirado
E depois, á beira d'agua
Por nós serás enforcado!

E lançando-lhe uma corda
Ao pescarão como um góso,
Levaram-n'o pela margem
Ao Rheno silencioso...

Chegando á capella, o pobre
Tomou ainda o violão,
E cantou, de novo, á Virgem
D'óres do seu coração.

E então, a Virgem, á vista
Dos guardas, mais espantados
Deixou cahir o segundo
Dos seus sapatos doirados!

.....
Foi o menestrel julgado
Santo, pela multidão
E para sempre ficou,
Sobre o altar, o violão!

RIBEIRO ARTHUR.

A liberalidade consiste menos em dar muito, que em dar a proposito.

Viver — fundir a existência
Em um osculo de amor;
Fazer de ambos — uma essência,
Apagar outras lembranças,
Perder outras ilusões,
E ter por sonho melhor
O sonho das esperanças.
De que a única ventura
Não reside — em outra vida,
Nem vem de outra creatura;
Unir um seio a outro seio,
Derramar as mesmas lagrimas
E tremor do mesmo enleio,
Ter o mesmo coração,
A mesma vida viver,
Tal era a minha ambição.

Rio de Janeiro—1864.

Machado de Assis.

O famoso erador francez Alberto Maury era um dos mais intrepidos adversarios de Mirabeau. Este falava uma vez na camara em resposta a Maury e dizia:
— Vou apertal-o n'um circulo vicioso.
— O que? interrompe-o Maury, que abraçar-me?

ROMEU E JULIETA

CONTO MONETARIO

COM

Prologo, epilogo e moralidade

PROLOGO

São 27 de julho de 1898.
Estamos na sala de pagamento na Junta do Credito Publico.
Batem 11 e meia...
Fumam todos, excepto as damas... por quanto!
Confere-m-se os titulos e carimba-se...

Romeo da Costa, que fuma e espera a sua vez, contempla, com certo interesse uma linda dama toda de luto, que está do lado das senhoras.
D. Julieta de Jesus, espera tambem pela vez e olha para Romeo, achando-o um rapaz muito sympathico...
Romeo tem apenas na mão 6 titulos de réis 500800.

D. Julieta verga, por assim dizer, sob o peso de um rôlo, contendo 60 contos de divida eterna fundada...

Romeo diz consigo — «é linda... e tem um pacote formidavel!...

D. Julieta pensa, olhando para Romeo — «Tem cara de bom rapaz... mas, coitado! se não tiver mais inscripções...»

Acaba a conferencia, quasi ao mesmo tempo.
Romeo da Costa e D. Julieta de Jesus, encaminha-se para a pagadoria entre-olhando-se com certo interesse...

— É muito chiquinhos esta menina, pondera Romeo.

— Deve ser bom rapaz, pensa D. Julieta.
Romeo recebe os seus 368250 réis, deixando ao chavecto do estado 118250 réis, para melhor se orientar nos mares financeiros... mas isso agarral-os!

D. Julieta cobra os seus 635000 réis, deixando igualmente, como tempero para a panella do orçamento 278000 réis... mas ainda assim, apesar de tantos temperos, o caldo continua muito fraquinho.

O digno pagador, não sei porque, carrega a a joven D. Julieta de prata... Ella enche o seu ridiculo de moedas brancas mas parece descontente com o peso...

Romeo da Costa aproxima-se galantemente...
— Perdão, minha senhora, quer V. Ex.ª aliviar-se da prata?... tenho aqui 268250 réis em notas, que podia dar a V. Ex.ª em troca do metal...

D. Julieta, côra, baixa os olhos com muita graça e responde... — V. Ex.ª é infinitamente amavel... agradeço immenso, mas não quero incommodal-o...

— Oh! minha senhora...

Com estas banalidades chegam Romeo e Julieta, á esquerda da rua Augusta.

— V. Ex.ª vai para este lado?...

— E o meu caminho...

— Também o meu...

... Nas alturas da travessa da Victoria, junto ao Gato Preto, a conversação é do seguinte teor:

— Realmente a sympathia é uma coisa singular... parece que ha uma força occulta, um magnetismo...

— V. Ex.ª acredita no hypnotismo?...

— Pendo muito para essa creença...

— É evidente!... Ha phenomenos no organismo humano, que ainda estão por descobrir... a natureza tem arcanos...

E etc., etc., o dialogo continúa tolo até quasi ao Rocío...

Romeo da Costa e D. Julieta de Jesus, somem-se para traz do repuchon...

Deixemos correr o marfim!...

EPILOGO

São 19 de janeiro de 1899.

Estamos outra vez na junta do Credito Publico...

Fumam todos...
Romeo da Costa já está no seu logar, de charuto, na bocca á espera do proverbial «Quem se segue?» entre fumaças, pelo competente funcionario.

Mas Romeo d'esta vez, em logar do pequeno rôlo, traz um pacote enorme e pezado... e em vez do cigarro de Santa Justa que fumava, fuma uma bella Lola e quando depois se aproxima, com a relação conferida, do digno pagador, recebe a quantia de 898250 réis e deixa para ajuda dos concertos da nau do estado a quantia de 368250 réis, que apenas chegam para alguns minutos de trabalho dos muitos calafates que procuram calafetar a tal nau... que cada vez faz mais agua!

Mas acabemos com o conto!
A perspicaz leitora e o atilado leitor já decerto adivinharam que houve junção nos titulos de divida publica, e que o rôlo de D. Julieta de Jesus passou para as mãos de Romeo da Costa.

Assim foi!
D. Julieta da Costa chama-se hoje D. Julieta de Jesus e Costa... Madame da Costa em estylo modernissimo.

E vivem felicissimos e contentes.

Romeo ao entrar o outro dia em casa com os 898250 réis abraçou Julieta dizendo-lhe... «d'esta vez não me deram prata...»

— É no entanto devemos á prata a nossa felicidade!...

MOALIDADE

Recommendo ao digno pagador da junta do credito publico que quando fizer o pagamento a alguma menina catita o formando sa carregue de prata...

Pôde assim fazer a felicidade de dois corações... operando ao mesmo tempo a junção de dois rôlos de inscripções, que para o semestre seguinte serão sorteadas apenas em uma relação...

Simplificação de processo para a junta e recatamento de ovelhas no o rebanho dos bemaventurados do matrimonio! amen!

24-1-99.

C. MARIANO FAGDES.

COQUETTE DOS PRADOS

Coquette dos prados

A rosa é uma flor
Que inspira e não sente
O encanto d'amor.

De purpura a vestem

Osaios do sol!
Suspiram por ella
Ais do roxinal.

E as galas que traja

Não as agradece.
É o amor que accende
E não o reconhece.

Coquette dos prados,

Rosa, linda flor,
Porquê, se o não sentes,
Inspiras amor?

Segundo uma estatistica recente, por cada 100 crianças que nascem durante o anno, morrem entre nós 22. A percentagem da Hespanha é de 23 e a da Austria de 25. Na Italia e na Prussia 20, na Suissa 18 e na França 16. Na Inglaterra é 14 a mesma percentagem da Belgica.

N'um restaurante. Entra um sujeito e senta-se a almoçar.

— Demonio! Que cheiro está aqui tão exquisito!

— Ha-de ser dos camarões. Estão fresquissimos. Chegaram agora de Cascaes.

— E que vieram a pé.

Uma vez... Era na igreja;
Não me via; eu via-a bem.
A benção final, meus olhos
Deram-lhe a benção tambem.

Não fui saudal-a,
Fiquei, de longe,
A abençoal-a.

Fernandes Costa.

A distancia enorme a que estão as estrelas não permite apreciar as suas dimensões. Sobre o fundamento do seu contorno apparente, tem-se procurado deduzir o seu diametro pelo calculo; mas este methodo é fallivel. Suppondo que o contorno apparente de Sirius não vae além de 0,042", calculando-se a distancia, acha-se que o seu diametro é de 5 leguas.

CURIOSIDADES

Corridas de touros realizadas no Terceiro do Paço em 1752:

NOVA RELAC,AM

DO QUE HA DE CONSTAR TODA

« Festejidade

DE

TOUROS

Que fe ha de celebrar em 28. de Agosto do presente anno, e com a descripção do que representaõ os Carros, e Danças de que haõ de constar as Entradas

LISBOA: Anno presente.

NOVA RELAC,AM

Do que ha de constar toda a festejidade de Touros, &c.

ENTRE os melhores espectaculos que ha muito annos tem admirado a Corte, recreando fe nelles a vista de seus moradores, se espera com toda a probabilidade que seja o mais vistoso, o mais rico, e o mais bem ordenado, a proxima festejidade que em obsequio do Senhor Santo Antonio pertende fazer a Camera de Lisboa na Praça Real do terreiro do Paço, que entre as melhores das Cortes de Europa tem julgamto de todo seu logar; e para que chegue a noticia de todos a formalidade com que está determinado este festejo fe forma ota preciza noticia, pois não he juizo que os curiosos venhao de suas terras tem fábem ao menos em groffo de que conhaõ tais custofos, e exquisitos preparos.

Primeiramente, haõ de achar a Praça guardada formalmente, e com a egualdade de camarotes e palanques, todos guardados de varandas tiradas por linha para que na união da faxa não encontre a vista aquella deformidade que até o presente fe tem praticado em occasiões fábilantes vendõ uns mais altos e outros mais baixos, todos pintados por huma mesma regra, e adornados conforme o goffo, e defeza que cada

O CARTAZ DA QUINZENA



D. Amélia.—Não ficou desiludida a expectativa publica com a representação da operetta de grande esmero a *Princesa Escantada*, posta em scena com grande esmero n'este theatro.

A ella nos referimos no artigo especial, dando apenas notar aqui que as enchenches succedem-se... e parecem-se, o que é uma pechinha para a empresa do theatro e para a companhia organisaada pelo actor Pedro Cabral.

Rua dos Coues.—Aqui teem um dente que não é capaz de carrear—*O Dente do Maçarico.*

Eduardo Schwalbach perfumou-o de tão bons ditos, os artistas imprimiram tanta graça e tanto talento na sua execução, que esta magica promette fazer toda a época de verão—o que é dizer muito, sobretudo porque o verão entre nós costuma entrar pelo outomno e até ás vezes pelo inverno fóra.

Colysen dos Recreios.—A novidade lyrica recente é a *Gioconda* cantada pela sr.^a Colombini. Ah! a *Gioconda*! Lembra-se da Theodorini? E claro que sim, nenhum dos que a ouviram a pode esquecer. Pois a sr.^a Colombini que está longe de a igualar, é claro, que a não faz esquecer. É clarissimo, lembra-a, por vezes tal é a força de sentimentos que imprimiu a essa personalidade, mixto de amor e de odio!

E querem saber? Não houve um logar devoluto, no Colysen. Dado o tamanho d'elle, é caso para se dizer que Lisboa inteira esteve quinta feira no Colysen dos Recreios.

O Othello foi depois da *Gioconda*, o segundo exito.

E. CARLOS

Já appareceu o elenco para a proxima época lyrica. E o seguinte:

Sopranos:

Hariclee, Darclée, Helena Theodorini, Gemma Bollacioni, Mathilde De Lerma, Celestina Boninsegna, Maria Martelli e Isabel Grassot.

Meios-sopranos:
Eugenia Mantelli e Giuseppina Giaconia.

Tenores:
Antonio Ceppi, Emilio De Marchi, Garbin, Giuliano Biel e Giuseppe Palet.

Barytonos:
Dellino Menotti, Giuseppe De Lucca e Ricardo Stracciari.

Baixos:
Andréa Perelló e Torres De Luna.

Mestros:
Juan Goula.

Baixo comico:
Arcangelo Rossi.
Segundos mestros:
Romualdo Moro e Giulio Setti.

Primeira bailarina:

Carlota Caviní.

Guarda roupa:

Telemaco e Chiappa.

Scenographos:

Amato e Magoi.

Operas novas:

Tosca, de Puccini, e *Iris*, de Mascagni.

ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encommendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM, 111, 1.

LISBOA

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações



Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recre tivo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pode ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA

Casa dos Oito Globos

RUA AUGUSTA, 286



hum quizer fazer. Será a entrada da Praça formada de um excellento Portico de colunas, e finalza, e remate de excellente architectura, onde se tem empregado o mais primoroso da Arte.

Dado o final entrará logo a Guarda Real na forma do costume para ficar limpa, e prompta a Praça para o festejo, e acabada esta diligencia, fe hade ver entrar um magnifico, e fiamptuoso Carro chamado do Sol puzido por oito Leões muito bem ao natural; cujo Carro tem de coaprimto no fimoento pulmos, e de alto vinte e cinco, no meyo do qual fa verao as armaz Reaes adornadas de uma riquissima Tarja decorada, e junto della por sua ordem todas as Virtudes, e outras muitas figuras ricamente vestidas que representão as Conquistas desta Coroa, e cada uma tributando os fructos de suas respectivas Provincias; e na parte inferior fe haõ de ver os rios principaes que banhão as provincias de Portugal. Na parte anterior fe ha de ver a figura da Fama, ricamente adornada, em acto de publicar este magnifico festejo.

Pelos lados exteriores do Carro, que forma a figura de hum Monte, ha de vir huma nobilissima orchestra d' s melhores instrumentos, e muicos fazendo armonioso concerto, todos vestidos a tragica, e outros muitos genios ephabados pelas figuradas escarpas do mesmo Monte distribuindo flores, e offerecendo aromas, como em acto de tributar as Reaes Quinas e fies obsequios. Será este Carro acompanhado de oitenta homens vistofamente vestidos ao uio da China, com fens regadores de huma nova, e exquisita idea, e depois de feitas as reverencias ao uio daquelle Nação, e ao toque de hum instrumento militar de que ella uia, interpodadamente deturão a agua pela Praça.

A este Carro ha de seguir-se outro tambem de nova idea, ainda que não tão magnifico, que forma huma figura de Barca, em que ha de vir um Touro fingido, sobre o qual virá fentada a figura da Europa acompanhada das suas damas, em acto de lamentar a sua patria, e depois no acto de fe mover a Barca lançará por

todos os lados chuveiros de fogo, isto artificialmente ordenado que não fará dainno algum aos expectadores, e continuando ambos o seu gyro virão, fahindo as Danças por sua ordem.

Será a primeira a das Regateiras, para o que fe tem elegido as mais cientes, e mais bem praticadas, que ha neste trato, todas primorotamente vestidas ao uio antigo da sua profição; todas com fens arcos de flores; e formarão a Effação do Inverno. A estas fe haõ de seguir as Colarejas da fruta, adornadas a fe modo, mas todas com as diversas fingias que firmen a Effação da Primavera. Logo haõ de continuar as Medideiras do Terreiro, no traje mais appropiatio que lhes for possivel, formando a Effação do Verão, e por ultimo haõ de seguir-se as outras occupaçoes mistas com o mesmo affluído, e luzido apparato de forte, que representem a Effação do Outono.

A estas quatro danças fe haõ de seguir outras muitas com huma vistofa desordem, para que a variedade sirva de diversa a vista, pois que haõ apparecer os Pretos vestidos ao uio de Africa, com fens cocares, e fendas de pennas de diversos animaes, arcos, e flexas tudo uniformemente prateado. As Giganas veit das ao uio Egipciaco; os Füllões da Arruda com fens ruiticos adornos; e por ultimo os Pigmeos, com tal arte preparados, em fens vestidos, que ao som de seu proprio instrumento repentinamente se converterão em Gigantes de estraña grandeza.

Acabado quasi o gyro dos Carros, e Danças, todo o Carro em que vem a figura de Europa fe ha de consummír em fogo, e dentro della fahirá hum Touro com sua mania vistofamente preparada, que desfazendo-se tambem em fogo, metterà toda a Praça em desordem, e toda a fuma de seu proprio instrumento repentinamente se converterá em huma vistofa confusão na sabida.

Logo entrari o Neto custosamente vestido, e galhardamente montado, em um formoso Cavallo branco que tira para cor de perola, acompanhado da vinte e quatro pretos vestidos de

azul todos com suas patazanas, e feitas as cor'tezias tomará o feu lugar do effylo, e os pretos feitos as genuflexões fe retirará para fóra da Praça.

Dada a ordem retiraráõ os dous Cavalheiros que devem contender na primeira tarde, vistofamente adornados com riquissimos vestidos, e acompanhado cada hum de fens creados, e oito toureiros de pé, e tomando cada hum feu lugar determinado eepararão o Touro.

Devem correr-se em cada huma das tardes dos primeiros dias trinta Touros dos melhores que fe puderã d'fcubir no Reyno, e alguns defóra delle. Na tarde seguinte a primeira, virão a Praça outros dous Cavalheiros, e na ultima das tres fe haõ todos quatro os combatentes: debaixo das seguintes Leys.

Que não tiraõ os Touros as pontas cortadas. Que perder a eltribeira, cahir chapão, perder charel, e outras venialidades fimilhantes, não feirão acto de duelo.

Que cahindo o Cavalheiro fem o cavallo, irá por feu pé para fóra da Praça, como de paffio, e ficará o companheiro continuando fõ o Combate.

Que cahindo o cavallo, mudará para outro, e neste caso haverá duelo, e hum acompanhará o outro neste conflicto.

Que peffoa alguma não venha a Praça ajudar os Combatentes em qualquer destes casos, deixando tollo o d'fempenho por conta do offendido.

Depois de morto o Touro, virá huma carreta de nova invenção, na qual fe ha de conduzir para fóra da Praça com tollo a ligeireza, fem pa-decer a mortificação de ir de raitos; e ao toque de Ave Maria fe ha de acabar precifamente o festejo de qualquer dos dias, em todos os quaes fe haõ de repetir da mesma forma as referidas entradas.

FIM DA RELAÇÃO

Regulador da Madre, Beirão

Approvado pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellent calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os periodos mensaes.

DEPOSITO

DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE & C.

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

Salsa, Tayuyá e Mururê Beirão

Soberano depurativo do sangue

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, cancos, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, dartsos, escoriações, granulações no rosto, vegetações e blenorrhagias agudas ou chronicas, dores steocepas e nevralgicas, inflammações visceras de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

A SALSA TAYUYÁ E MURURÊ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupaçoens; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ



PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO

DE
Constantino d'Almeida

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.º ordem á
RUA DO CARMO, 35, 1.º
(CHIADO)

"O PANHOLA,"
J. A. CRUZ & IRMÃO
Especialidade em generos alimenticios.
RUA ITAMARACÁ
Manãos

FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129
DEPOSITO E ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3
TELEPHONO N° 185

NESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma colleção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas, moveis avulsos ou quaesquer outros

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidex; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com seguranca o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

Companhia PHENIX PERNAMBUCANA

(Seguros maritimos e terrestres)

ESTABELECIDADA EM 1870

DIRECTORIA

Luiz Duprat, José Joaquim Dias Fernandes, Dr. Manuel Gomes de Mattos

Séde: RECIFE Rua do Commercio 46—PERNAMBUCO

LA UNION Y EL PHENIX ESPAÑOL
Capital social 2.000.000.000 rs.
13.000.000.000 REIS
De sinistros pagos desde 1804 até 1895
PREMIOS E RESERVAS 2.932.000.000
Seguros contra incendio, explosão de gas ou raios
Equator Atlantique & Union Maritime
Companhias francezas contra os riscos maritimos e riscos de transporte de qualquer natureza.
DIRECTORES — Lima Meyer & Filhos
LONDRA — Rua de Prato, 28, 2.º

AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira

Vice-presidente — José Marques Braga

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade

Medico — Dr. Luciano Castro

Secretario — Constantino Quadros de Carvalho

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 $\frac{1}{2}$, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de $\frac{1}{2}$ % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 $\frac{1}{2}$ a 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

FABRICA DE MATOS

A. C. DE MATOS

A primeira do Amazonas.
Vende modicamente todos os artigos para sapataria e carruagens.

Rua Installação, 18
Manaos

Cepeda, S.ª Rosa & Dias

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

36 — Travessa de S. Matheus — 36

PARÁ

Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANAOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas
Unica que paga sempre os seus sinistros
imediatamente após a exhibição
das provas legais

Unica sociedade em que os segurados
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas e
devem fazer seguros

Casa de liquidações

Rua Marechal Deodoro, 6-A

Manaos

PROPRIETARIO

Francisco Lucas de Almeida

Casa por demais conhecida. Não precisa de reclamo, para se saber que é a unica em especialidade de artigos para homens, tais como chapéus de palha e feltro, calçado fino, camisas, meias, gravatas, etc.

Deposito permanente de bebidas nacionaes, charutos e gôndolas superiores.

GABINETE HYDROTHERAPICO

DR. NAUPHABIN SANTOS

Mexicos MEXICANOS: J. Manuervin Santos e J. Ribeiro F. Almeida.
Installação hydrotherapia completa, duas salas de duchos para homens e senhoras, inteiramente separadas e independentes, gabinete aquecido de electricidade e massagens.
Tratamento de doengas nervosas e do estomago.
Aberto das 8 ás 12 da manhã e 3 ás 6 da tarde.

Entrada: C. de Buque, 90
C. DA GLORIA, 15 — LISBOA

Soares Irmão & C.ª

MATRIZ
GASA HAVANEZA
Rua da Installação, 7
Vendas por grosso

Importação directa de todas as praças

Caixa postal n.º 42

Ender. teleg. HAVANEZA
MANAOS

FILIAL

U Barbetto Elegante
Rua Municipal, 28
Vendas a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Messageries post françaises
LUNA TRANSATLANTICA



Para Dabry, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Aires.
Para passageiros de 1.ª classe, use com José Antonio dos Santos & C.ª, Rua da Imperatriz, 100, em Manaos.
Informações, tarifas e toda a documentação, consulte na Agência da Companhia, Rua da Imperatriz, 100, Manaos.
Para o conhecimento das Messageries Maritimes, consulte a Agência da Companhia, Rua da Imperatriz, 100, Manaos.



Agencia Financial

DE
PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

A RESTAURAÇÃO

DE



Gonçalves & C.^o

MERCERIA, BOTEQUIM E FUMOS

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras: Importação directa: Comissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação, 8 — Manaus

VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.^a

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas
Wenceslau Rio

Caixa do correio
N.º 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO

Este hotel tendo passado por grandes reformas, dispõe de excellentes accomodações para familias e viajantes

Quartos para banho, mornos e de chova

ESTABELECIMENTO PARA FOLIA

Banquetes, almoços e jantares particulares.

HOTEL DE FRANCE

Porto Alegre
270, RUA DOS ANJOS, 270
João Pedro Bourdette

Cambios
Loterjas
Papéis
de credito

JOÃO VIERLING & C.^a

LISBOA

R. do Arsenal
44 E 46
P. do Municipio
1.2.e.3

Ferragens
F. N. Santos & C.^o

Caixa postal N.º 31

Deposito de todos os utensilios para artes e officios.

Sortimento completo de armas de fogo dos mais afamados fabricantes. Fogões portuguezes, francezes e americanos.

Aprelhos para embarcações. Machinas de costura SINGER.

Especialidade em Cutlaria.

Fraça 15 Novembro, 3

MANAOS

SALOES
E QUARTOS MOBILADOS
PARA FAMILIAS

BANHOS
Quentes e Frios

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bonas, recommenda-se pela exactidão do seu serviço, acção, modicidade em preços e coizinha franceza.



HOTEL SUL-AMERICANO

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio T. Alves

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, accções de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ
(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 340

Pacheco Borges & C.^a

Importação
e exportação
Commercio e consignações

Rua 15 de Novembro, 47

PARÁ

Deposito de fogos para salão
Farinha,
vinhos finos e communs

A via rambulo para vapores
e para o
interior do Estado



Uso interno — Estomago, gota, reumatismo articular, diabetes.
Uso externo — Reumatismo, gota, sciatica, doenças urbanas, etc.

HOTELS E CASINO

Instalações as mais confortáveis e completas de Portugal

ESTABELECIMENTO ABRE DE 12 DE MAIO E FECHA EM 15 DE OUTUBRO

Correspondência:

GERENTES — CUCOS
TORRES VEDRAS



Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

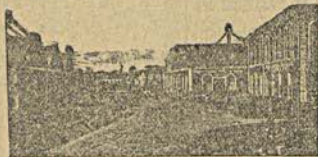
Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

RIDER. TELEGR. «Alda»

C. do Corral 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ



MANOEL CANICEIRO DA COSTA
CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR
O mais antigo estabelecimento do norte do Brazil
Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito De materias para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124 — PARÁ

Endereço telegraphico — CANICEIRO

Caixa postal — N.º 63

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.ª — Rua de S. Paulo, 216, 2.ª — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de paiz. em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

JOÃO BASTOS & C.ª

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.ª

CAIXA POSTAL N.º 56

103

RIDER. TELES. CAVILHAS

A MAIS ANTIGA MERCEARIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880

Dias d'Oliveira & C.ª — Vinhos, conservas, generos de 1.ª qualidade. — A primeira n'este genero Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.

Filial — Rua Theodoro Souto — Mañãos — RUA INSTALLAÇÃO, 12

ESTEVÃO NUNES & FILHOS

Typographia

OFFICINAS A VAPOR

18 e 24, R. Assumpção, 18 e 24

LISBOA

Livraria Classica

Jayne & Camara

Typographia, encadernação e pastação. Fabrica de livros em branco e carimbos de borracha.

CAIXA POSTAL N.º 169

Rua Theodoro Souto

(Canto da rua Guilherme Moreira)

MANÁOS



LEAL, SANTOS & WALD

Fabrica de biscoitos
RIO GRANDE DO SUL

Exovem os especiaes biscoitos

DO

RIO GRANDE

DE

LEAL, SANTOS & WALD

Qualidade e sortimento eguaes aos Ingleses

N' venda em todas as casas de primeira ordem

Endereço telegraphico — ZULMIRA



Torre Malakoff

LA ROQUE & C.^a

RUA DO CONS.^o JOÃO ALFREDO, 86

PARÁ

Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas

Banco de Belem do Pará

RUA 15 DE NOVEMBRO

DIRECTORIA

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —

José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS

Este Banco sacca e emitta cartas de credito sobre todas as cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, sobre Paris, Londres e New-York, e bem assim sobre o Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão.

BANCO
DA
PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

CAPITAL SUBSCRITO 5.000.000\$000

Capital realizado..... 2.600.000\$000
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100.000\$000
Lucros suspensos e especiaes, idem.... 1.200.000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambiaes, em sua sede e nas suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Brazil e com os Paizes d'Europa e America.

Directores

A. B. Tovarés, Manoel Carvalho da Costa, João Costano Pinto



Fabrica
Amazonia

Casa Importadora

PARÁ

R. 13 de Maio, 49

Ferreira Pinto & C.^a

GRANDE DEPOSITO

De cachaça, alcohol, cognacs, refrigerantes, cidra, genbra, vinhos de cajú, genipapo, e hesperidina nacionaes.

Vinhos

De todas as procedencias—qualidades garantidas. Colares especial—importação directa.

Estabelecimento

De confiança—Preços sem competencia.

Caixa postal N.º 349

Ender. teleg. FERPIN

A CONFIANÇA

Companhia de Seguros, maritimos e terrestres

Capital 1.000.000\$000

DIRECTORIA

José Marques Braga—João Fernandes Costeira
José Joaquim Lopes de Sousa

RUA 15 DE NOVEMBRO

PARÁ

HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1843



PROPRIETARIOS

Gotuzzo & Agrifoglio

Rua 15 de Novembro — 218

PELOTAS — Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cozinha

Éprec iso
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

Á venda
em todas as princi-
pales mercourias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.^a — R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.
 Jeronymo Martins & F.^{os} — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
 José Affonso Vianna & C.^a — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
 R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
 Alves Diniz, Irmãos & C.^a — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
 Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construido de accordo com o clima do paiz, e situado
nas faldas do Caracolão.
Possua todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas
e apartamentos para familias e cavalheiros

Gerente
CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

181, Rua das Laranjeiras, 181.

RIO DE JANEIRO

Pernambuco Powder Factory

FABRICA DE POLVORA

ESCRITORIO

Rua do Commercio, 6

(Hermas-Zabozas)

PERNAMBUCO

HOTEL DULAND

English Hotel — Lisboa

T. Rua das Flores — Largo de Quimada
 Este hotel, situado na primeira quadra da
 cidade, oferece todos os confortos de uma casa
 de primeira classe.

BRASIL-PORTUGAL

Numero commemorativo do 4.º centenario
do Brasil

A venda na redacção do "BRASIL-PORTUGAL"

Rua Ivens, 52

RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

T. DE S. MATHEUS, 24 — PARA

Serviço de primeira ordem. Acommodações luxuosas para viajantes.
Alcool extremo. Illuminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS

GRANDE DEPOSITO de livros em brancos, objectos de escriptorio, artigos para presentos, quiquilherias, etc., etc.	LIVRARIA	PAPELARIA
	TIPOGRAPHIA	ENCADERNACAO

LIVRARIA UNIVERSAL

Casa fundada
em 1768
PARA-BRA IL
AGENTE
F. de Queirós
& C.^a
Mandós

Rua do Cons. João Alfredo

Telephone—300

Caixa Postal—82

NUNES & NUNES Cambios e Papeis de Credito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOJSNUNES

95, RUA DO OURO, 97—LISBOA

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

DUARTE & C.^a
Representantes de Rocha Silva & C.^a

DO

PARÁ

ARMAZEM DE ESTIVAS BICRUELES E ESTRANSEIROS. — ESPECIALIDADE EM PELLUBRA E FABRICOS. — COMMISSÕES E CORRECCIÕES
Rua Marechal Deodoro, 5—MANAÓS



ALBERTO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O SR de Rua Nova do Almada tem a honra de annunciar grande sortimento de chapéus para sol e de chapeus, em todas as modas e preços, assim como bengalinas, botões, e outros artigos de modas para o presente e futuro. Para mais informações e para receber o catalogo, escreva para o Sr. Alberto José Baptista e o presente catalogo será enviado sem qualquer custo adicionalmente em Lisboa.



AO PALAIS ROYAL

JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91—PARÁ

Banco Norte do Brasil

Kadrega telegraphico "NORTHER XII" PARÁ—Telephone n.º 239

Capital realiado Réis 3.000:000\$000

Fundo de reserva Rs. 349:400\$500

Pará—R. 15 de Novembro, n.º 59

CORRESPONDENTES

NO PAIZ

Rio de Janeiro
Bahia
Pernambuco
Ceará
Maranhão
Mandós

NO ESTRANGEIRO

Londres
Paris
Lisboa
Porto
Genova
New-York

Emite cartas de credito, e sacca sobre as praças acima e tambem sacca sobre Hamburgo e todas as cidades e villas importantes de Portugal, Hespanha e Italia.

Encarrega-se de cobrança de letras e remessa do producto, assim como faz todos os mais negocios bancarios.

Os corretores de hotéis

AO PUBLICO

A Associação de classe dos Corretores de hotéis, de Lisboa, desejando em 1914 para o bem da e credito da respectiva classe, resolveu que todos os seus associados façam uso de uns distinctivos em prati, em forma oval, com o nome de Associação de City e dos Corretores de hotéis e que se reservará na lapella do casaco além de serem distinctivos.

Como explicação aos arts. anteriores diremos que o que força a associação a assim proceder, é os muitos abusos que se tem dado nas gares e outros pontos se desembarque, em que por vezes extorções tem sido feitas a passageiros, por intrusos que se concorrem para o descrédito d'essa classe, e por este motivo e d'ora avante, a associação se responsabiliza pelos corretores que se apresentarem com os respectivos distinctivos.

Pela direção

João Antonio da S. Pinto

Loja Pacheco

DE

Deolindo Pimentel & C.^a

Sortimento completo em fazendas e artigos de novidade. Chapéus, calçado fino, perfumarias, roupas feitas para senhoras, homens e crianças.

Caixa postal N.º 264

Rua da Instalação, 24

Manaos

A Formosa Paraense



Estabelecimento de mo-
das e modéstias, com

importação

directa dos mercados eu-
ropeus.

Fundado em 1864

Corrêa Miranda & C.^a

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARÁ

Montenegro Ferreira & C.^a

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.^a

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se
extrae o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel,
se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas
convalescências, nas digestões difficiles, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

SANTOS & MAGALHAES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10-RUA DA PRATA-10

LISBOA



CERCLE COMMERCIAL

Santos & Côrtes

Caixa postal n.º 159

O primeiro hotel de Manáos. Quartos lu-
xuosos e com todas as condições hygienicas.
SÓ SE ALUGAM a cavalheiros, ou a familias.

RESTAURANT

Unica casa no genero. Vinhos de todas as
procedencias do mundo. Refeições a qualquer
hora, dia e noite.

Serviço de banquetes

Cozinha aprimorada.

O estabelecimento possui barbearia, casas de banhos e bilharca.

RUA DA INSTALAÇÃO, 3

MANAOS

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARÁ — R. Cons.º João Alfredo, 35

Lectura amena

Sortimento completo de livros de
litteratura, direito, instrucção, etc.

PARTICULARES DE ESCRITORIO

Preços sem competencia

Endereço telegraphico Moderna.

ALVES DINIZ & IRMÃO

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos coloniaes

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações
de conta alheia.

Photographia

FIDANZA

PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado
estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de
Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte

CASA DE COMMISSÕES

JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.^a

Importadores e Exportadores

DE GENEROS DE ESTIVA

Endereço telegraphico — Capital

Rua do Amorim, 33 a 35 — PERNAMBUCO



Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario

Dr. Firmo Braga, medico

Dez. Ernesto A. V. Chaves, advogado

consultor

João Ventura Ferreira, thesoureiro interino

Joaquim Antonio de Amorim, gerente

José Simão da Costa, actuário

PARÁ, BRASIL

ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

Seguros propostos	R\$. 45.812.000\$000
Seguros em vigor	» 37.402.000\$000
Renda	» 3.079.985\$718
Reservas de reseguro	» 1.275.176\$349
Sinistros pagos	» 319.539\$870
Sobras	» 245.511\$969
Aplices emitidas	» 2\$149

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectuou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de aplices, realizou maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus segurados maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia congénera do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realizados.

A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia de seguros de vida da America do Sul

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de vestidos e alfayate

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO —

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

Restaurant COELHO

— Largo de Santa Anna —

PARÁ

Proprietario — J. F. Vieira da Magalhães

O mais importante estabelecimento do Norte do Brasil.
Serviço de primeira ordem, a toda a hora, dia e noite.
Hotel no 1.º andar. Aposentos arejados. Preços modicos.
Tratamento sem igual.
Casa sempre apta a fornecer banquetes.

Licor de café Beirão

Approved pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sezões

Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sózinho, em silencio, sem arruado, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saude é o melhor dos bens que o céo nos pôde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres palustres, typhus, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemicas e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermittentes, maleitas ou sezões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem rechadidas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DE

Carvalho, Leite & C.ª

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ